

Quem apoia Bolsonaro

**Pandemia, crise econômica
e isolamento internacional
não garantem mudança de
rumo do país**

Artur Araújo // Eduardo Costa Pinto // Tathiana Chicarino

Organização: William Nozaki



**SOCIOLOGIA
E POLÍTICA**
ESCOLA DE
HUMANIDADES

EDITORA **SOCIOLOGIA E POLÍTICA**

Dados Internacionais da Catalogação-na-Publicação (CIP)

Quem apoia Bolsonaro : pandemia, crise econômica e isolamento internacional não garantem mudança de rumo do país / organização William Nozaki ; [debatedores] Artur Araújo, Eduardo Costa Pinto, Tathiana Chicarino. – São Paulo : Editora Sociologia e Política, 2021. – 36 p. – (Debates contemporâneos, n. 03).

Transcrição do debate online: “Quem ainda apoia o governo Bolsonaro? Por quê?”.

ISBN 978-65-86612-03-5.

1. Bolsonaro, Jair, 1955-. 2. Bolsonarismo – Bases sociais e econômicas. 3. Processo político – Campanha e mídias sociais – Brasil. 4. Análise macroeconômica e geopolítica – Brasil. 5. Crise institucional e econômica – Brasil. 6. Gestão da pandemia – Brasil. I. Nozaki, William. II. Araújo, Artur. III. Pinto, Eduardo Costa. IV. Chicarino, Tathiana. V. Sociologia e Política - Escola de Humanidades. VI. Série.

CDD 23.: Índice sistemático:

320.50981: Bolsonarismo – bases sociais e econômicas.

324.730981: Processo político – Brasil. Presidente (2019-: Bolsonaro).

Elaborada por Éderson Ferreira Crispim CRB-8/9724

Direitos reservados à
Editora Sociologia e Política
Rua General Jardim, 522 - Vila Buarque
01223-010 - São Paulo - SP - Brasil
Tel. Fax: 0 55 (11) 3123 7800

www.fespsp.org.br

CONSELHO SUPERIOR DA FESPSP

Ubiratan de Paula Santos
Presidente

Pedro Luiz Guerra
Vice-Presidente

Francisco Aparecido Cordão
Vice-Presidente

José Carlos Quintela de Carvalho
Vice-Presidente

Vicente Carlos Y Plá Trevas
Secretário

Aparecida Neri de Souza
Cláudio José de França e Silva
Amarilis Prado Sardemberg
José Castilho Marques Neto
Aluisio Almeida Schumacher
Juliana Scarcelli de Agostino

Diretoria Executiva

Angelo Del Vecchio
Diretor Geral

Romeu Nami Garibe
Vice-Diretor Geral

Elci Pimenta Freire
Diretor Tesoureiro

Lais Cristina da Costa Manso Nabuco de Araújo
Secretária Geral

Diretorias Adjuntas

Eduardo Santos
Diretor Acadêmico

Marco Piva
Diretor de Comunicação

Expediente editorial

Angelo Del Vecchio
Diretor-presidente

Jorge Nagle (in memoriam)
Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes (in memoriam)
Waltercio Zanventor
Comissão Editorial

Rodrigo Estramanho de Almeida
Coordenação Editorial

Rodrigo Carani
Transcrição e revisão

Éderson Crispim
Secretaria editorial

Ulisses Romano | Cartola Conteúdo
Projeto gráfico e diagramação

Sociologia e Política – Escola de Humanidades é uma marca da
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)

Sumário

Introdução	5
Abertura	6
O que dizem as pesquisas.....	7
O bloco no poder	11
Interesses, necessidades e desejos	16
Outras questões.....	19
Debates Contemporâneos	35
Sobre a Sociologia e Política – Escola de Humanidades	36

Introdução

Recordes de casos e mortes pela Covid-19 devido à má gestão da pandemia, queda no PIB e aumento nas taxas de desemprego, ataques à democracia e às instituições, imagem do Brasil abalada mundialmente. Diante desse cenário, a Cátedra Celso Furtado, da Sociologia e Política - Escola de Humanidades (FESPSP), realizou mais uma edição da série “Debates Contemporâneos” para discutir e analisar o que leva setores importantes da sociedade brasileira a apoiarem o governo Bolsonaro.

Participaram do debate a professora **Tathiana Chicarino**, cientista política e docente de pós-graduação da Sociologia e Política - Escola de Humanidades; **Eduardo Costa Pinto**, economista e vice-diretor do Instituto de Economia da UFRJ; e **Artur Araújo**, assessor da Federação Nacional de Engenheiros e da Fundação Perseu Abramo. O mediador foi o professor e coordenador da Cátedra Celso Furtado, **William Nozaki**.

Este e-book conta com a transcrição do conteúdo desse debate, que também está disponível em nosso canal no Youtube¹. Trata-se do terceiro volume de uma série de e-books resultados de eventos realizados pela instituição, denominados Debates Contemporâneos². Na primeira edição, tratamos sobre o quadro da pandemia no Brasil naquele momento, trazendo o caso de Araraquara, em São Paulo, e as iniciativas dos governadores em contraponto à ausência do governo federal. Na segunda edição, debatemos a conjuntura política e as perspectivas para 2022.

Esperamos que as reflexões apresentadas possam contribuir para encontrarmos soluções concretas para os problemas que enfrentamos enquanto sociedade.

¹ Quem ainda apoia o governo Bolsonaro e por que? FESPSP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oPq-Q9yYxICA>>. Acesso em: 10 abr 2021. (n. r.)

² Para conhecer esse projeto e ter acesso a outros números da série, acesse <https://www.fespsp.org.br/debates-contemporaneos>.(n. r.)

Abertura

William Nozaki: Olá, boa tarde a todos e todas. Bem-vindos a mais um encontro da série Debates Contemporâneos, promovido pela Sociologia e Política – Escola de Humanidades e pela Cátedra Celso Furtado, que é o nosso espaço para debates e reflexões sobre temas relacionados à economia política, ao desenvolvimento brasileiro e a nossa conjuntura. Hoje, a gente vai realizar o terceiro debate da série, com o tema: quem ainda apoia o governo Bolsonaro e por que?

Nacionalmente, o Brasil passa por uma crise sanitária, econômica e moral sem precedentes. Internacionalmente, o país passou de pária a perigo global, em função da maneira como tem ocorrido o avanço da pandemia. Nesse contexto, parte das mesmas forças políticas, sociais e econômicas, que ontem se indignaram contra a corrupção ou problemas fiscais, hoje parecem aceitar níveis exorbitantes de alastramento da doença, da morte, do desemprego e da fome. Tudo isso promovido por um governo negacionista que, sem sombra de dúvidas, patrocina a pior crise da nossa história republicana. Então, esse estado de coisas nos impõe uma reflexão com esse tema que eu apresentei aqui, como a pergunta central da nossa discussão hoje: quem apoia o governo Bolsonaro e por que?

Para esse debate, a gente tem o prazer de contar hoje com a presença da professora Tathiana Chicarino, que é docente da pós-graduação da Escola de Sociologia e Política; com o Artur Araújo, que é consultor em gestão e assessor político da Federação Nacional dos Engenheiros da Fundação Perseu Abramo; e com o professor Eduardo Costa Pinto, vice-diretor do Instituto de Economia da UFRJ, onde ele também é professor. O nosso debate vai se iniciar com uma rodada de exposições dos nossos três convidados e, na sequência, faremos uma rodada de questões, perguntas e considerações sobre esse tema que norteia a discussão de hoje.

A série Debates Contemporâneos têm produzido uma sequência de e-books a partir dos nossos diálogos, a partir dos nossos encontros. Então, eu convido a todos para que baixem esse material, que está disponível gratuitamente no site da Escola³. Essa conversa que a gente vai ter hoje, também, em breve, vai ser disponibilizada no formato de e-book.

Eu quero mais uma vez agradecer a presença da Tathiana, do Artur e do Eduardo, são três figuras que têm acompanhado a nossa conjuntura – em especial a maneira como se organiza o bloco no poder, que dá sustentação até aqui para o governo Bolsonaro – e certamente vão trazer boas reflexões e provocações para essa nossa conversa. Sem mais delongas, para a gente dar início ao nosso debate, eu passo a palavra para a professora Tathiana Chicarino, obrigado mais uma vez Tathiana, fica à vontade, a palavra é sua.

³ Desafios Contemporâneos. FESPSP. Disponível em: <<https://www.fespsp.org.br/debates-contemporaneos>>. Acesso em 10 abr 2021. (n. r.)

O que dizem as pesquisas

Tathiana Chicarino: Boa tarde a todas e todos. Primeiro agradeço ao William, em nome da Cátedra Celso Furtado, o convite para esse debate tão desafiador do ponto de vista individual, porque a gente pensa nisso todo dia, mas também como pesquisadora, que já vem acompanhando aí pelo menos há alguns anos o bolsonarismo e antes, também, esse conservadorismo que nos assola. Eu pensei aqui em uma exposição breve, falando um pouco de quem que é e um pouco do funcionamento do apoio ao Bolsonaro, ao menos em uma perspectiva – obviamente que a minha pretensão não é falar sobre tudo neste tempo – e, depois, um pouco do porquê, que é a provocação que você nos trouxe.

Partindo das últimas pesquisas, que a gente teve nessa semana, especialmente a da XP Investimentos/Ipesp⁴ e da Ideia Big Data⁵, que apontam uma queda na avaliação da popularidade de Bolsonaro. Temos uma trajetória (de queda) pelo menos desde outubro – e eu vou falar um pouco dos problemas também dessa pesquisa. Mas isso é interessante e já nos dá algumas pistas para entender quem são essas pessoas que ainda o apoiam.

A gente tem na pesquisa da XP/Ipesp uma alteração de 31% para 48% que avaliam o governo Bolsonaro como ruim/péssimo, isso desde outubro. A Ideia Big Data aponta 58% do eleitorado indicando que o governo dele é ruim ou péssimo. Em contraponto a isso, a gente tem 33% das pessoas dizendo que aprovam a maneira do Bolsonaro administrar o Brasil – isso na pesquisa da XP – e a gente tem 31% das pessoas dizendo que o governo pode ser bom ou ótimo.

Então vamos nos ater a esses números, a gente tem cerca de 28% a 33% de pessoas que ainda entendem que o governo tem alguma coisa boa, avaliam como alguma coisa boa. A pesquisa da Ideia Big Data aponta que 32% dos autodeclarados evangélicos dizem que o governo é ruim ou péssimo. Vamos ficar um pouco com esses números na cabeça. Temos em torno de 30% de pessoas que têm avaliado o governo mal.

Com relação a pandemia, esse também é um dado importante, a gente tem uma avaliação como (uma condução do governo) boa ou ótima de 21% hoje, segundo essa pesquisa da XP/Ipespe. Então 21% da população ouvida, dos respondentes, foram 1000 entrevistas, disseram que o governo Bolsonaro tem feito uma boa administração da pandemia. Aí eu já puxo uma das questões para a gente discutir.

Na pesquisa que eu participei no final do ano passado durante a campanha eleitoral aqui de São Paulo, os respondentes – era uma pesquisa qualitativa – já apontavam a pandemia como sendo um palco de disputa política, entendendo algo como politicagem feita pelos políticos em torno da pandemia. Como a pandemia é de difícil apreensão por parte de algumas pessoas, (da compreensão) de quem é que tem a responsabilidade de conduzir a

4 Pesquisa XP/Ipesp – 29 a 31 de março de 2021. XP/Ipesp. Disponível em: <https://conteudos.xpi.com.br/wp-content/uploads/2021/04/Pesquisa-XP_-2021_04.pdf>. Acesso em: 10 abr 2021. (n. r.)

5 Pesquisa produzida para o podcast Foro de Teresina. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/5hS8MZqHcjicOr-TkHmyysL?si=LuaCWsnhSd2SmxIBnAg4OQ&nd=1>>. Acesso em: 12 abr 2021. (n. r.)

pandemia e de dar respostas a população, ou seja, ao fim ao cabo, de fazer políticas públicas em relação à pandemia. A gente tem um problema aí, de como isso é compreendido por uma parcela da população em geral, estamos falando de uma pesquisa qualitativa (e antes falamos de) outra pesquisa quantitativa.

Temos alguns problemas metodológicos em relação a essas pesquisas. Quais são eles? O principal é que a gente vive um momento pretensamente de distanciamento social, mas que inviabiliza pesquisas que são feitas com contato pessoal. Isso já é um problema do ponto de vista sociológico e político. Quantas pessoas dedicam seu tempo para poder falar ao telefone, daí já é outra questão, durante muito tempo sobre um assunto que é a política, e que nem todo mundo está ligado? Não é um assunto que todo mundo acompanha, embora para a gente seja super importante. A outra questão é a própria questão da telefonia. A gente tem no Brasil uma desigualdade de acesso à telefonia, seja ela uma telefonia fixa ou mesmo um telefonia móvel. Dados apontam – e aqui eu digo do CGI, que é Comitê Gestor da Internet, e do Interozes – que no interior do Brasil e nas regiões norte e nordeste essa desigualdade de acesso é ainda mais acentuada.

Bom, mas ainda assim, a partir dessas pesquisas, especialmente a da XP/Ipesp, a gente pode ter algumas pistas do perfil de quem apoia o governo Bolsonaro ainda hoje. Então como eles colocam que o perfil de quem diz que o governo é ótimo ou bom e de quem diz que o governo é ruim ou péssimo?

De ótimo e bom, a gente tem majoritariamente homens localizados no sul do Brasil e com a religião evangélica sendo um bom preditor, ou seja, ser evangélico nos dá algumas pistas de quem é esse apoiador. Para ruim e péssimo, a gente tem algumas pistas, claro, eu não estou fazendo uma análise estatística muito bem aprofundadas, mas a gente tem algumas pistas que são mulheres, do nordeste, mais jovens, e a religião não importa, ou seja, ela não é um preditor, ela não é uma variável importante nesse sentido.

Quando a gente pega o estudo feito pelo professor Jairo Nicolau, recentemente, sobre as eleições de 2018⁶, sobre quem votou no Bolsonaro no segundo turno, ele também traz dados, as conclusões dele são parecidas, semelhantes, ao que eu estou trazendo a partir da pesquisa da XP/Ipesp. Ele vai dizer que o Bolsonaro é um fenômeno urbano, em municípios que são populosos e têm uma alta escolaridade. E aí a gente já tem algo para pensar no problema metodológico.

Se declaram evangélicos, 70% das pessoas que votaram em Bolsonaro no segundo turno, se a gente pegar a variável religião, então a gente já tem uma outra questão importante. O Haddad⁷, por outro lado, é apontado como candidato das mulheres – especialmente de mulheres mais jovens e do nordeste. Então, quer dizer, ainda que essas pesquisas nos deem pistas de quem ainda apoia o Bolsonaro – de acordo com esses problemas metodológicos que eu aponte, de ter um acesso limitado à telefonia – a gente também pode pensar que pode ser ainda mais acentuada essa perda de popularidade dele.

Eu falei um pouco tentando caracterizar quem são esses apoiadores. Importante dizer como é que funciona isso. Embora seja difícil identificar hoje quem é o apoiador do Bolsonaro, a gente consegue identificar como funciona esse apoio. A gente começa a dizer,

6 NICOLAU, Jairo. O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Editora Zahar. 2020. (n. r.)

7 Fernando Haddad foi candidato à presidência pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em 2018, e alcançou 44,87% dos votos no segundo turno contra Jair Bolsonaro, que venceu o pleito com 55,13% dos votos. (n. r.)

e aí eu estou falando a partir do professor Leonardo Avritzer, sobretudo, que o Bolsonaro não pode ser caracterizado como um governo, apenas. Então a gente não pode olhar para o aspecto institucional, somente, mas temos que entender o Bolsonaro como sendo um movimento, então o bolsonarismo é um pouco isso.

E aí trago uma pesquisa que é feita pelo Manchetômetro, sobre as páginas com maior engajamento entre dia 1º e dia 15 de março. Das dez páginas com maior engajamento do Facebook – quer dizer, mais curtidas, compartilhamentos, comentários – seis delas estão ligadas ao Bolsonaro. Uma é o próprio Bolsonaro e as outras cinco são ligadas a ele. Quatro são de políticos: tem o Eduardo Bolsonaro, o Felipe Barros, o Carlos Jordy, (entre eles). O Lula, por exemplo, está em décimo lugar desse ranqueamento.

A gente já tem alguma pista aí, também, para nos ajudar a entender como funciona isso: eles estão em um debate constante nas redes, mas não apenas nas redes. O que isso significa? E aí eu vou um pouco dentro do meu argumento do motivo das pessoas apoiarem ainda o governo Bolsonaro. Isso é um palco de disputas, no seguinte sentido: meu argumento vai dizer que é uma estruturação do discurso, uma estruturação dos sentidos do que a gente entende por política, do que a gente entende pelo fazer político; é isso que essas pessoas estão fazendo nas redes. Isso de alguma maneira fornece um repertório para a ação. O que eu estou querendo dizer é que você tem apresentação, disputa de valores, e isso leva a comportamento. Não é apenas discurso, no sentido de pensar “ah, é uma narrativa”, mas esse discurso fomenta e estimula um certo comportamento.

Como é que isso funciona, de certa maneira, nas redes? A gente está falando de um ecossistema comunicacional bolsonarista, bastante estruturado, com uma estratégia muito bem definida, e que tem uma inter-relação entre atores, determinados atores que são estratégicos, e uso das redes e das mídias. A gente tem basicamente – claro que eu estou simplificando um pouco para dar tempo de falar sobre tudo que eu planejei – aquelas pessoas que criam os conteúdos. São conteúdos que podem ser espontâneos em algum momento, mas na maior parte das vezes não; e a desinformação parte dessa construção deliberada de conteúdos. Então tem os criadores, os disseminadores, que podem ser pessoas comuns, mas, de maneira muito acentuada, robôs ou pessoas que estão no Whatsapp e nas redes, fazendo esse compartilhamento; e os motivadores, que são aqueles políticos relevantes dentro desse contexto, que funcionam como um efeito demonstração.

Eles usam diferentes tipos de mídia, como, por exemplo, Facebook, Twitter, Whatsapp (que é aplicativo de mensagem que acaba funcionando como uma rede social) e também Youtube e sites hiper partidários, que tem uma pretensão de fazer jornalismo, mas na verdade não é. E também alguns políticos na chamada mídia hegemônica – antes, tradicional.

Bom, disso tudo, você tem um conjunto muito grande, um volume muito grande, de produção de sentido, de produção discursiva, que é incorporada no cotidiano das pessoas. Ressaltando que na maior parte das vezes, seja no Facebook, Twitter, ou mesmo no Whatsapp, a gente acaba selecionando o que a gente vai consumir de informação e de conteúdo. Claro que no caso do Facebook e do Twitter tem ainda o problema dos algoritmos, mas a gente pode falar disso depois na discussão. Então, dentro disso, a gente tem essas pessoas recebendo, compartilhando e fomentando o seu comportamento a partir desses discursos.

Aí eu vou um pouco no meu argumento final – eu tentei caracterizar minimamente quem são esses apoiadores, onde que eles se localizam, como é que funciona para eles fomentarem esses valores, e isso vai levar a comportamentos. E aí, por que? Bom, não sou eu apenas que digo isso, uma série de pesquisadores da Ciência Política, da Antropologia e da Sociologia vem trabalhando com esse diagnóstico de que, a partir das Jornadas de Junho de 2013⁸, nós observamos ou vivenciamos uma crise de hegemonia do campo progressista.

Essa crise de hegemonia, claro que ela vai ser muito mais acentuada no PT, que era o partido que estava no governo naquela época. Mas vai gerar novos repertórios de ação coletiva, ou seja, novas formas de atuar – e essas formas passam, por exemplo, pelo uso da internet. Claro que Jornadas de Junho é complexo para caramba, também não tenho a pretensão de falar sobre Jornadas de Junho na sua integralidade agora. Mas um dos elementos relevantes que apareceu nessa crise de hegemonia foi uma postura muito clara contra as demandas minoritárias, ou seja, demandas que vem do movimento negro, do movimento feminista, do movimento LGBTQ+, etc.: os chamados, por outros, de movimentos identitários e políticas majoritárias universalizantes – ou seja, uma das mais conhecidas, Bolsa Família e também acesso à universidade pública, por exemplo.

A partir disso, o que a gente observa? A constituição de três eixos de sentido e de articulação. Um deles é o chamado neoliberalismo econômico, que está bastante voltado para uma perspectiva econômica que é pensar no esforço individual, e aí tem toda uma afinidade com a teologia da prosperidade de cunho neopentecostal. Então, o indivíduo passa a se centrar nisso.

O segundo eixo que estrutura isso é uma moralidade pública, ou seja, não é uma moral só vinda da prática religiosa, é como essa moralidade tem saído disso para ser uma moralidade compartilhada e, de certa maneira, imposta à população. A corrupção, nesse sentido, vai ser vista também como uma corrupção da carne, não apenas uma corrupção dentro do sistema político. Por fim, já para ir finalizando aqui a minha fala, o terceiro eixo que seria ser securitariamente punitivista. E aí a gente já pensa na articulação da ampliação do acesso à armas, de como as Forças Armadas são um braço importante de sustentação do governo.

Então esses três eixos estão em exacerbação nesse governo, e aí é um pouco do porquê. Estamos observando uma política que é feita cada vez mais sobre um antagonismo político, de enfrentamento cotidiano, de criação de inimigos, e não de pensar política como uma forma de mediação de conflitos e tudo mais. Bom, teria mais um monte de coisa, mas nosso tempo é curto. Depois se tiver alguma outra questão para eu esclarecer, fica para o debate. Obrigada William, obrigada todo mundo.

William Nozaki: Obrigada Tathiana, por sua fala sistematizada, sintética, cobrindo rigorosamente o tempo. Eu acho que você nesse pouco tempo dá um bom panorama das bases sociais e eleitorais do bolsonarismo e da sua atuação nas redes sociais e nas mídias, e como isso constrói esses vetores que orientam o imaginário social do bolsonarismo. Acho que isso dá uma boa base e um bom ponto de partida para a gente debater as questões políticas e econômicas que conformam esse bloco no poder.

⁸ As Jornadas de Junho de 2013 começaram com manifestações de baixa adesão contra aumentos de tarifas no transporte público, organizadas pelas redes sociais digitais – fenômeno novo no país naquele momento. Após uma forte repressão policial contra os manifestantes na cidade de São Paulo no dia 13 daquele mês, os movimentos aumentaram drasticamente de proporção. No dia 17, milhares de pessoas estavam nas ruas protestando não apenas contra a tarifa, mas também por outras pautas, como os gastos públicos em grandes eventos esportivos (principalmente a Copa do Mundo de 2014 no Brasil) em contraste com a má qualidade nos serviços públicos e os casos de corrupção que tomavam os noticiários do país. (n. r.)

Assim, já passo a palavra para o professor Eduardo Costa Pinto, a quem eu também, mais uma vez, agradeço pela disposição e pela disponibilidade de estar aqui com a gente, e aproveito também para convidá-los a acompanhar no site do Instituto de Economia da UFRJ, o canal do professor Eduardo, que são os Diários da Crise⁹, onde ele tem acompanhado em cima do lance a nossa conjuntura, trazendo reflexões muito ricas para o nosso debate e parte delas ele vai compartilhar aqui com a gente. Obrigado Eduardo, a palavra está contigo.

O bloco no poder

Eduardo Costa Pinto: William, obrigado pelo convite, obrigado à Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Qual é a minha ideia que eu vou apresentar a vocês? Eu acho que a professora Tathiana já fez um panorama geral da questão eleitoral, e eu vou usar aqui a linguagem do Poulantzas¹⁰, da cena política, a questão do voto e a questão da percepção da população. Então, acho que vai se complementar do que eu vou apresentar aqui para vocês. Por que? Porque minha apresentação vai focar no bloco no poder. Ou seja, como e por que o Bolsonaro hoje tem apoio de frações relevantes do bloco no poder no capitalismo brasileiro? E aí é o estilo Poulantzas. Mas para quem não conhece o Poulantzas posso dizer o seguinte: por que o pessoal da grana apoia o Bolsonaro e que hoje se utiliza muito mais de uma retórica às cartas escritas ultimamente¹¹, muito mais de forma hipócrita, do que uma alternativa colocada para a saída do Bolsonaro? E por que isso?

Eu vou compartilhar aqui para vocês alguns dados porque acho fundamental olhar a taxa de rentabilidade, o lucro líquido, das maiores empresas de capital aberto do capitalismo brasileiro. Alguns deles, inclusive, que estiveram onde? No jantar com Bolsonaro¹². Eu quero reforçar isso por que? Para entender tanto a crise, como a permanência do Bolsonaro, eu vou mostrar como na verdade esse apoio do bloco no poder ao Bolsonaro, ele vem desde o golpe parlamentar de 2016. Porque o bloco no poder do capitalismo tenta, desde 2016, implementar um novo padrão de acumulação brasileiro. Ou seja, transformar profundamente a relação entre o público e o privado no capitalismo. Como? Destruindo a Constituição de 1988. E, mais do que isso, reduzindo as capacidades governamentais de intervenção estatal no mercado, no sistema econômico. E por que? Com objetivo de qualquer capitalista: recuperar a lucratividade e aumentar a lucratividade.

9 Canal IE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/CanalIEUFRJ/>>. Acesso em 10 abr 2021. (n. r.)

10 Nicos Poulantzas foi um filósofo e sociólogo grego, nasceu em 1936 e faleceu em 1979. (n. r.)

11 Nas últimas semanas, banqueiros e economistas assinaram uma carta com críticas ao governo e propostas para a pandemia. Disponível em : <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56485687>>; Acesso em 10 abr 2021. Pouco tempo depois, alguns possíveis candidatos à presidência em 2022 também assinaram uma carta pró-democracia. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56604266>>. Acesso em 10 abr 2021 (n. r.)

12 No dia 7 de abril, o presidente Jair Bolsonaro almoçou com empresários e foi ovacionado. Relato da Folha de S. Paulo disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/04/bolsonaro-e-ovacionado-em-jantar-com-empresarios.shtml>>. Acesso em 10 mar 2021. (n. r.)

Alguém poderia estar me perguntando: “mas Eduardo, como é possível se o PIB está crescendo tão pouco? Como é possível se, desde 2016, o PIB cresce muito pouco. Como os mega empresários estão lucrando muito?” Eu vou mostrar para vocês que eles estão, sim. Esse é um elemento fundamental para compreender em boa parte o apoio do Bolsonaro, no meio da pandemia, nos casos de Covid, no momento de baixíssimo crescimento, queda do PIB – na verdade, no ano passado, de 4,1% – e de elevado desemprego. Por que o pessoal da grana continua apoiando Bolsonaro? Eu vou compartilhar com vocês aqui. E além da questão do próprio pessoal da grana, por que também os militares permanecem apoiando o governo? É evidente, pessoal, que a pandemia e a desaceleração econômica causaram certas rugas entre Bolsonaro e parte do pessoal do dinheiro e também com alguns militares, mas, na minha visão, ainda não tem uma fissura maior do bloco de apoio ao governo Bolsonaro. É claro que você está dizendo: “ah Eduardo, daqui um mês, em 2022...”.

Não sei, a gente vive hoje uma profunda crise institucional que dificulta qualquer análise do futuro. A nossa crise institucional dificulta completamente enxergar o devir, e vou novamente dizer uma frase que eu tenho dito há muito tempo, tem se colocado toda questão no governo Bolsonaro – e eu não tô querendo tirar a responsabilidade dele – mas a frase que eu tenho utilizado é: “o governo Bolsonaro – o Bolsonaro – é uma infecção oportunista, que se apropriou de um corpo doente; e esse corpo doente perdeu a sua capacidade de anticorpos para enfrentar problemas”. Isso é fruto de uma crise institucional em curso desde o golpe de 2016 e seus efeitos institucionais, que a (Operação) Lava Jato provocou.

Para entender isso, é só olhar para a questão da longa duração, longa não que é exagero, olhar para os últimos dez anos a evolução do PIB e a profunda recessão em 2015 e 2016. O PIB fica positivo (depois disso), mas muito pouco, e (tem) uma queda enorme (agora), de 4,1%. Se você pegar esses dados a partir de 2016, você vai perguntar: como o pessoal do PIB tem apoiado o governo Bolsonaro? Tem que lembrar sempre que o pessoal do PIB não é o pessoal do PIB, é o pessoal que está no topo da geração de riqueza, e no topo está a mega burguesia brasileira. E que mega burguesia é essa?

No contexto, a gente olha a questão do desemprego, que muda de patamar completamente a partir de 2016, acelera com a pandemia, mas volta a crescer de novo já no último dado da Pnad. No contexto de perdas de ocupação em 2020, aqui eu acho que isso é muito importante, em termos de média, de cerca de 7,3 milhões de pessoas. Ou seja, a população ocupada caiu para 86 milhões de pessoas, um dos patamares mais baixos (dos últimos dez anos).

O argumento fundamental e importante: a gente tem uma pandemia acelerando, uma crise de emprego, um PIB que caiu – e que no primeiro trimestre já mostra uma forte desaceleração; e aí a pergunta é “por que ainda uma parte expressiva do pessoal da grana e dos militares permanecem apoiando o governo Bolsonaro? Essa explicação, eu vou apresentar aqui para vocês com dados, com esse tipo de dado, que o próprio William já alertou, eu venho trabalhando desde 2010, na minha tese de doutorado.

As 500 maiores empresas de capital aberto são um dos núcleos duros do capitalismo brasileiro. Aqui estão os proprietários que apareceram na lista dos bilionários da Forbes¹³. São os proprietários, boa parte, dessas 500 maiores empresas. O que acontece, que eu acho

¹³ Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2021/04/brasil-tem-10-novos-bilionarios-no-ranking-de-2021/>>. Acesso em: 10 abr 2021. (n. r.)

fundamental? Se a gente olhar a trajetória do PIB de 2010 até 2016, tem queda. A lucratividade do setor produtivo privado cai. (Já a dos) bancos não. Os bancos se elevam com a elevação da taxa de juros. Permanecem em um patamar alto. Ou seja, a rentabilidade dos bancos é impressionante. Agora o PIB cai, crise permanece alta e eles estão reclamando porque tem uma taxa de rentabilidade de 13,5%. “Muito pouco, né?”. É claro, para a série histórica. Mas é uma taxa de rentabilidade impressionante a do ano passado, sendo que o PIB caiu 4,1%.

Aqui tem uma diferença importante para entender esse fenômeno. Qual é? A partir de 2016, a lucratividade das maiores empresas, em certa medida, desgarrar do desempenho do PIB. Se a gente olha 2016, 2017 e 2018, a rentabilidade das empresas não financeiras privadas cresce de forma expressiva; cai em 2019; mas volta a acelerar novamente. Aqui, só para vocês terem ideia, os bancos, é evidente aqui, aceleram as taxas de retorno, mas em um patamar muito alto. Os bancos, o Bradesco com rentabilidade de 11%. O BTG, esse com uma rentabilidade impressionante nos últimos dez anos. O Itaú... Interessante, o Itaú é um dos que perdeu, até mais que... digamos assim... não é que perdeu, deixou de ganhar tanto. É um dos atores financeiros hoje que não subscrevem cartas de apoio ao governo Bolsonaro, e até os proprietários do Itaú tem uma postura nesse momento mais contrária ao governo Bolsonaro.

Aí vocês poderiam dizer: “Ah Eduardo, mas isso é financeirização, as empresas estão ganhando com as finanças”. Não, aqui tem que ter um cuidado enorme. O que o capitalismo brasileiro está vivendo desde 2016, na minha hipótese, é uma profunda reestruturação. A gente está vivendo um movimento de concentração e centralização de capital impressionante. Principalmente no setor de varejo. Não por acaso, na Magazine Luiza a lucratividade aumentou fortemente. Ou seja, a receita de vendas dessa empresa cresceu em uma velocidade muito maior do que o comércio. Não por acaso, tanto a proprietária, como os filhos da proprietária, são considerados bilionários e estão na lista da Forbes mundial. Ou seja, tem uma reconfiguração do capitalismo brasileiro, com a redução do poder industrial, com redução dos proprietários das empresas de construção civil – que era um braço importante da indústria brasileira recente. Seja no setor de petróleo e gás, sejam as empresas e os grupos econômicos da construção civil, eles eram diversificados. Essa é uma característica que acontece no capitalismo mundial, mas no brasileiro essa diversificação não acontece tanto. Os grupos são muito mais concentrados.

O que significa dizer com isso? Tem um avanço do capital comercial, no seu sentido clássico, com manutenção do poder das finanças. Então, por que foi possível aumentar a lucratividade do varejo e mesmo do setor industrial, que permaneceu vivo? Porque você aumentou a receita de vendas, porque as grandes empresas estão engolindo as pequenas e médias. A questão do varejo então é clássico isso que está acontecendo. Magazine Luiza e Via Varejo (entre outros) estão comprando pequenas empresas de plataformas de redes, estão ganhando escala. E não só, mas, também, os serviços médicos. O proprietário da Hapvida, o proprietário da Amil, todos aparecendo entre os bilionários porque se tornaram segmentos altamente concentrados e passaram a representar um segmento importante no bloco do poder do capitalismo brasileiro. Acho que isso é fundamental para entender essa lógica e isso perde sim um poder dos segmentos industriais, isso é fundamental para entender o apoio do Bolsonaro.

Eu vou mostrar com dados que o aumento dessa lucratividade também acontece na indústria, por incrível que pareça. No meio da pandemia, a taxa de retorno da indústria manufatureira foi de 6,7%, quando o PIB caiu 4,1%. O grande prejuízo do setor está muito

localizado em duas empresas, que são a Suzano, que teve um enorme prejuízo líquido, e, no caso da economia geral também, a Oi. Se você tira a Oi e você tira a Suzano, as empresas não financeiras e a indústria de transformação – a que sobreviveu – permanece com enorme força.

O que acontece? Aqui eu acho importante, para esses segmentos, o Bolsonaro é funcional sim para o capitalismo brasileiro. Para o bloco no poder. Porque ele está entregando uma parte do que ele prometeu para esse pessoal. Reforma trabalhista, que reduz custo da força de trabalho e reduz uma coisa que o pessoal esquece: as empresas tinham que deixar imobilizada uma grande quantidade de recursos para pagamentos futuros de decisões trabalhistas. Eles reduziram isso e colocaram esse dinheiro em aplicações financeiras. Mais ainda, se você olha essas grandes empresas, o resultado não é financeiro, é operacional. Agora qual é o problema disso? O problema é que essas grandes empresas estão ganhando, engolindo a pequena e média, em um contexto de geração de desemprego. Isso tende a ampliar um problema de caos social. Isso é a construção de um Brasil para 60 milhões de pessoas. Colocando 140 (milhões) fora dessa órbita. Isso cria um problema eleitoral, como já foi alertado anteriormente, no sentido de que esses proprietários não tem um candidato que seria o orgânico deles, então eles utilizam o Bolsonaro de forma pragmática.

Mesmo para esses que hoje comentam e criticam o Bolsonaro, tem um efeito que é importante: tem um efeito pandemia e UTIs, mas tem um outro efeito que eu vi pouca gente falando sobre isso, que é o custo da retirada do Bolsonaro. Alguém pode dizer: “coloca o Mourão que também é militar”. Mas quem disse que o Mourão tem voto para 2022? Mais ainda, um custo de um *impeachment*, nesse momento, significa parar privatizações que ainda podem acontecer. Isso significa parar reformas e, mais ainda, basta olhar, nós vimos nas pesquisas eleitorais, isso vai dar uma força enorme para o Lula, eleitoralmente. É evidente. Então tem um custo de fazer esse tipo de movimento. E esse pessoal da grana vai fazer jogo de cena.

Eu acho que é um elemento importante, que eu não vou entrar aqui, porque eu acho que não vai dar tempo, a questão dos militares. Também na semana passada houve uma chamada crise militar. É evidente, o Bolsonaro já deixou muito claro que ele gostaria de mudança profunda de regime. Mas o meu argumento que eu tenho utilizado é que o Bolsonaro e os militares têm muito mais uma diferença de forma do que de conteúdo, porque uma parte dos militares acha que o problema do Brasil é a esquerda, que divide o país. Porque uma parte dos militares acha que existe um marxismo cultural. Mais evidentemente que o Bolsonaro gera um problema de estabilidade para eles, porque eles entraram em uma barca furada. Mas se eles entraram em uma barca furada, por que eles não vão sair? Porque eles voltaram a ter *status* social. Agora um almirante vai falar com empresário, vai debater sobre o Brasil. Tem mais de seis mil militares da ativa e da reserva no governo e no Executivo, tem os militares da reserva que abriram empresas e estão fazendo *lobby* junto ao governo. Então eles também não vão desembarcar, acho inclusive que eles vão ser os últimos a desembarcar, carregando os seus custos. Então, nesse sentido, eu acho importante a gente entender o porquê: do pessoal do bloco no poder é a grana, e do pessoal dos militares é a grana com ideologia.

Acho que é fundamental entender esse mecanismo, porque acho que parte do campo progressista está esperando uma coisa meio cair do céu, essa coisa do Bolsonaro. E acho que esse pessoal do dinheiro, com suas cartinhas, tem muito mais feito jogo de cena buscando uma pressão institucional, em um contexto de profunda crise institucional, que o

Bolsonaro amplia. Quando o Gilmar¹⁴ restabeleceu a questão no STF da hierarquia, ele não estava pensando em restabelecer toda a institucionalidade, ele estava pensando em voltar a hierarquia do Judiciário, que foi destruída com a Lava Jato. A Lava Jato não existe mais enquanto força, mas o mecanismo de gerar instabilidade para obter poder permanece.

Por isso vivemos uma guerra de todos contra todos no contexto de um 18 Brumário¹⁵ Tupiniquim, em que o Bolsonaro ou as Forças Armadas ao invés de funcionarem como instituição bonapartista, funcionam muito mais como instituição para gerar instabilidade para manter poder. Ele precisa fazer isso inclusive para manter, como bem alertado pela professora Tathiana, ele precisa dessa instabilidade para manter os seus 30%, a sua massa bolsonarista, completamente colada. Então é uma empreitada complicada. Eu acho que ainda muita gente apoia, do pessoal da grana, com o discurso de que não apoia.

Eu tenho levantado a hipótese de que o Bolsonaro e uma parte do pessoal do bloco do poder do capitalismo brasileiro, se conectam em várias dimensões. Aquilo que esse pessoal do andar de cima, aquilo que o Chico de Oliveira vai falar no seu artigo de 2012¹⁶, o jeito dos nossos setores dominantes, esse é o caráter, e como o Florestan Fernandes argumentou em um artigo de 1964: os nossos setores dominantes operam de forma sociopata, para manter os seus lucros a qualquer custo; logo, nosso problema é desse jeito desses setores dominantes e o Bolsonaro se conecta, e hoje ainda é funcional, para esses setores dominantes. Mas é isso, eu sigo por aqui para a gente continuar no debate.

William Nozaki: Muito obrigado Eduardo, pela ótima exposição e pelas boas provocações que nos ajudam a desmistificar essa relação entre os dados macroeconômicos e o que acontece com o desempenho das empresas. Acho que essa sua reflexão sobre a taxa de rentabilidade das empresas que têm capital aberto, sejam elas financeiras ou do setor produtivo, traz elementos materiais concretos para a gente entender melhor esse cenário e o papel, como você disse, da grana e da farda nesse percurso.

Então a gente começou o nosso debate tratando das bases sociais do bolsonarismo, passamos, com a fala do Eduardo, aos elementos relacionados ao mercado, e eu convido agora o Artur Araújo que é um arguto analista de conjuntura e também tem acompanhado em cima do lance tudo aquilo que tem acontecido ao nosso redor, para fazer aí a sua exposição. Obrigado, Artur, mais uma vez, por ter aceitado o convite de estar com a gente, fica à vontade, a palavra é sua.

14 Gilmar Mendes, ministro do Supremo Tribunal Federal desde 20 de junho de 2002. (n. r.)

15 Referência ao trabalho publicado por Karl Marx em 1852: "O 18 de brumário de Luís Bonaparte". (n. r.)

16 OLIVEIRA, Francisco de. Jeitinho e jeito. Revista Piauí. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/jeitinho-e-jeitao/>>. Acesso em 10 abr 2021. (n. r.)

Interesses, necessidades e desejos

Artur Araújo: Quem agradece muito sou eu, pelo convite da Sociologia e Política e pela oportunidade de poder estar conversando com a Tathiana e poder estar conversando, inclusive, com o Edu, com quem eu converso um bocado já há um tempo. Olha, eu queria começar com uma observação de natureza física: é o conceito de tempo. Eu estou bastante convicto de que nós estamos tendo dois fenômenos no Brasil, e que eles inclusive são absolutamente contraditórios. O tempo da política e o tempo da vida social estão extremamente acelerados.

A pandemia e o seu desenvolvimento, a sua velocidade, têm colocado uma pressa, uma urgência, uma necessidade, uma velocidade completamente atípica. Eu costumo brincar que hoje a minha unidade de medida é hora; e que qualquer previsão para além do final de abril e do começo de maio, já está em um nível de margem de erro próxima do gigantesco. Acho que, então, a gente tem que tomar uma grande cautela em qualquer análise do que está acontecendo no Brasil com essa condição temporal. Nós estamos trabalhando em um tempo excessivamente acelerado e que, por ser assim, altera muitos comportamentos que a gente dava por conhecidos, clássicos, normais. A gente não está em condição normal.

Do mesmo jeito, acho que às vezes surge uma tentação das oposições, de achar que o tempo newtoniano foi substituído pelo tempo quântico. O que eu quero dizer com isso? Que é possível pular 2021 para chegar a 2022. Há uma tendência nas oposições, até pela profunda complicação que é o cenário de 2021, de quase que se refugiar naquilo que pode ser o cenário eleitoral de 2022, que para mim é algo absolutamente impossível de pensar. Se nós não conseguiremos, com certeza, definir o que é o Brasil de junho e julho deste ano, o que dirá o que é o Brasil de outubro de 2022. Nós não temos a menor ideia disso. Ele pode ser profundamente diferente, não só no que ele é hoje, como no que historicamente ele foi. A gente está passando por um processo de alteração econômica, de alteração social, de alteração comportamental, que nós nunca experimentamos. Quer dizer, essa confluência de uma crise de 1929 com a gripe espanhola de 1918, nunca aconteceu na história da humanidade (antes) e muito menos aconteceu aqui, então eu começo com esse alerta. Os critérios de tempo passam a ser fundamentais para a gente ter muito cuidado na análise.

Segundo ponto que eu queria explorar é o seguinte: para a gente entender, ou minimamente tentar entender, quem ainda apoia o Bolsonaro e o porquê, eu gostaria de partir de uma ideia anterior: quem é que apoiou o Bolsonaro e por quê? Eu acredito que se nós não tivermos esse elemento apurado, fica bastante difícil compreender a onde ele ganha ainda, onde ele mantém e onde ele perde. Terceiro ponto que eu quero definir previamente é que a gente, às vezes, tem a tentação de achar que as coisas são monocausais na política, e eu não creio nisso. Eu basicamente defendo a ideia de que para analisar quem apoiava e porquê e para analisar quem apoia ainda ou quem desapoia e porquê, no mínimo, a gente tem que levar em consideração três critérios: interesses, necessidades e desejos.

Os interesses, eu creio que se a gente aplicar a quem veio apoiar o Bolsonaro, basicamente nós temos três elementos: o interesse econômico da massa da população brasileira começou a ser prejudicado a partir de 2014 e 2015, não dá para tirar isso de cena. O crescimento do desemprego, a sensação de que a ascensão social tinha sido travada, o aumento das despesas das famílias, particularmente por tarifaço e por aumento de taxa de juros, rompeu a relação da esquerda com a multidão. Isso é um fato. Os interesses econômicos da maioria dos brasileiros foram feridos e isso causou um enorme deslocamento de voto popular da esquerda para alguma alternativa que viesse. A marca disso a gente pode tentar sintetizar como um antipetismo. Criou-se como fenômeno de massas, por interesse econômico: um antipetismo popular no Brasil. “Eu me senti ferido, eu tinha um grande entusiasmo com o meu processo de ascensão social, com a melhoria da minha qualidade de vida, e de repente esse mesmo governo me abateu em pleno voo”.

Do ponto de vista das camadas médias, nós temos de compreender dois fenômenos que levam grande parte dela, quase que a esmagadora maioria, a apoiar o Bolsonaro, que é a soma, por um lado, do que eu chamo de perda de distinção. Conforme as camadas populares foram tendo acessos a coisas que eram muito simbólicas com as camadas médias – particularmente ensino superior, lazer e turismo, locais mais sofisticados de compras, restaurantes – houve um processo de sensação de perda de distinção. “Eu começo a ficar igual a massa”, e isso causa uma crise ideológica no grosso das camadas médias, que as leva rapidamente à oposição.

A isso se soma toda a exploração do tema corrupção, independente do quanto há de correto e de exagero nele, e há muito exagero, tá se comprovando agora. Mas esse tema é forte, é potencializado, e pega com muita força nas camadas médias, e desce também para as camadas populares.

Em terceiro lugar, no topo, o pessoal da grana, como acabou de dizer o Edu. A gente tem de começar a analisar o fenômeno desde aproximadamente 2011 e 2012. Há um estudo que a mim fascina muito, dois professores da URFJ, Serrano¹⁷ e Summa¹⁸, em que demonstram que há uma perda de rentabilidade no capital do Brasil, até por superendividamento, e havia uma crença na continuidade do *boom* (econômico), quando subitamente há uma perda de rentabilidade, que é onde se inicia o processo de deslocamento do capital em relação ao governo do PT e aos seus aliados. Então, você tem um fenômeno que vai resultar em 2018, no resultado eleitoral, mas de que a esquerda consegue uma tempestade perfeita, em que subitamente ela não está mais atendendo aos interesses, às necessidades e aos desejos dos três grandes grupos. A isso se acrescenta todo o trabalho em torno da discussão de valores.

Há uma parcela fortemente conservadora na massa popular brasileira, há um avanço do conservadorismo numa fatia muito significativa das camadas médias, principalmente através da ligação de igrejas neopentecostais, ligadas à ideia da teologia da prosperidade. Esse conjunto de valores também se chocava com aquilo que se criou como uma imagem do PT e de seu governo, de ser pró-minorias, de querer mudar costumes, ser avançado demais, etc. Para mim, esse amálgama dos diversos interesses, necessidade e desejos feridos, sai à busca de uma candidatura.

17 Franklin Serrano é professor do Instituto de Economia na UFRJ. (n. r.)

18 Ricardo Summa é professor do Instituto de Economia da UFRJ. (n. r.)

Como as candidaturas nacionais da direita tradicional se revelaram um verdadeiro fiasco, o caso mais conhecido é o Alckmin – até porque tinha uma associação indelével com os governos mais pior avaliados, que era o próprio governo Temer. O leito que surge para a convergência dessas insatisfações, é o leito do Bolsonaro.

Muito bem, hoje, onde isso permanece, onde isso cresce e onde isso diminui? Eu concordo muito com a exposição do Edu no sentido de que tem uma parte que está ganhando dinheiro e, portanto, apoia. Isso é quase automático. “Se alguém está garantindo a rentabilidade do capital, eu não tenho nenhuma razão para trocar isso”. O mesmo fenômeno não acontece nas camadas médias e não acontece nas camadas populares. Eu creio que há uma mudança qualitativa, no sentido de que os interesses e necessidade econômicos, desses dois grandes blocos da população brasileira, começam a ser duramente atingidos. Portanto, há um território e, claro, não acontece espontaneamente, depende muito da ação das oposições – mas há um território material, objetivo, para que vaze, cada vez mais rapidamente, a popularidade do governo.

Na medida em que o desemprego atinge inclusive uma parte que não entra na soma, se a gente for ver entre desempregados mesmo, entre desalentados e entre os que estão subcontratados, nós estamos falando em taxas muito maiores do que os 14% que tem aparecido. Nós estamos falando de quase 30%, até mais, de pessoas que estão deslocadas do mercado de trabalho. Então, a ameaça, por exemplo, às camadas médias – que não conseguem mais acessar saúde privada e educação privada – é um fenômeno que está visível para todo mundo. Eu creio que, no ponto de vista da base da sociedade e o seu meio, há características estruturais que deverão, caso exploradas corretamente pelas oposições, levar a um desencantamento do governo, a uma perda acelerada de popularidade e a possibilidade, inclusive, de sua troca, seja ela pela via eleitoral de 2022, seja até por alguma antecipação disso, por algum mecanismo de *impeachment*, intenção, seja o que for.

No bloco do capital, para concluir, eu diria que eu tenho uma avaliação um pouco distinta da que o Edu apresentou. Me parece que para o grande capital, apesar do ganho de rentabilidade, as disfunções generalizadas que o bolsonarismo cria estão gerando um problema – e aí o efeito pandemia é muito presente nisso, somos um país que corre o risco de ter cordão sanitário, de serem cortadas as nossas relações com o mundo de importação e exportação, por conta de contaminação até dos nossos containers. E você tem uma chance de desarranjo institucional no país, por conta de fome, miséria, desemprego e medo da doença, que só aumenta. Então, eu creio que, da parte, vamos dizer, mais racional do capital, há uma sensação de que como está não dá para continuar, e isso para mim se expressa, por exemplo, na carta dos 500, se expressa em uma série de entrevistas, etc.

Onde está o grande problema? Não sabem como desembarcar, com quem desembarcar e para onde desembarcar. Me parece que há a convergência hoje no Brasil de um crescente e possível abandono do bolsonarismo, mas que depende da solução de duas equações, em relação às camadas médias e as massas populares, das oposições conseguirem se demonstrar uma opção viável e confiável: “temos saída para o aqui e agora, não é uma discussão do futuro, não, para o hoje e agora, nós temos solução para como enfrentar a pandemia, como enfrentar o desemprego imediato, para como enfrentar as condições de vida que estão te deixando desesperado”. Há condições crescentes para isso e, do ponto de vista das classes dominantes, há uma equação a ser resolvida: Bolsonaro é potencialmente problema demais. Como desembarcar dele? Em direção a que? E aí vai abrir, obrigatoriamente – e é aí que eu concluo –, a necessidade de pactuação de saída. Até porque

as classes dominantes dominam totalmente a maioria congressual e, por outro lado, há uma divergência óbvia entre as oposições e as classes dominantes, que estão no campo da alternativa econômica e social para o Brasil. São classes dominantes que querem manter o neoliberalismo.

Inclusive, uma das grandes cobranças que fazem sobre o governo e sobre o Guedes é a lentidão das reformas, mas me parece que hoje estão pensando que as disfunções político-institucionais, que as disfunções do campo da democracia que o bolsonarismo provoca – e aí tem uma ideia que surgiu aqui que é fundamental, tanto com a Tathiana quanto com o Edu, o bolsonarismo precisa de caos, a lógica bolsonarista não pode ter estabilidade, ela só viceja do caos. E esse caos pode ser um sério problema para essas classes dominantes, tanto do ponto de vista de acumulação e realização do capital, como do ponto de vista de um potencial disruptivo social que isso pode vir a causar.

O Brasil, se continuar na marcha que está, pode passar por um período de explosões sociais súbitas. Nós estamos chegando no limite daquilo que é suportável pela grande maioria das pessoas. Então, eu concluo dizendo que vejo um quadro em que é decrescente a possibilidade do Bolsonaro se manter com forte apoio, e isso acontece porque é um governo que está deixando aceleradamente de atender aos interesses, às necessidades e aos desejos desses três grandes blocos sociais que eu tentei desenhar. Por enquanto era isso e muito obrigado.

William Nozaki: Muito obrigado, Artur. Também excelente exposição, acho que nos ajuda tanto na digressão, quanto na leitura mais recente, a problematizar as fissuras e as contradições que têm sido impostas no tempo presente para a manutenção desse bloco no poder. Então eu queria mais uma vez agradecer aos três pelas qualificadas exposições e indicar aqui, para o nosso público, que esse encontro da série Debates Contemporâneos, em breve vai estar disponível no formato de e-book no site da FESPSP. Eu convido todos a acessar, lá a gente já tem os e-books produzidos pela Editora da Sociologia e Política, do primeiro e do segundo encontro. Em breve a gente vai ter aí o registro dessa rica discussão que foi feita aqui até agora.

Outras questões

William Nozaki: Para a gente poder continuar o debate e alimentar as nossas reflexões a partir dessas provocações feitas pelos nossos três convidados, nós também convidamos alguns debatedores aqui para animar a nossa discussão, eu quero agradecer e convidar a primeira delas que é a Eleonora de Lucena.

A Eleonora, como vocês sabem, é jornalista, com longa e produtiva trajetória na imprensa tradicional brasileira, e recentemente ela, junto com o Rodolfo Lucena, criou o site Tutaméia¹⁹, que é uma experiência, apesar de nova, das mais ricas, na produção de conteúdos com espírito crítico e com análise qualificada, de tudo que está acontecendo

19 Disponível em: <<https://tutameia.jor.br/>>. Acesso em 10 abr 2021. (n. r.)

no Brasil e no mundo. Quero aproveitar também para convidar todos vocês a visitarem o site do Tutaméia. Eleonora, quero aproveitar também, mais uma vez aqui, publicamente agora, para te parabenizar pelo dia do jornalista²⁰, porque você é uma das representantes da categoria que faz a gente olhar para o jornalismo com orgulho e esperança. Então obrigado pela presença aqui, que nos ajuda a provocar o debate. Fique à vontade.

Eleonora de Lucena: William, muito obrigada. Muito obrigada pelo convite. Realmente foram três exposições bastante variadas, bastante aprofundadas, do que está acontecendo. Queria agradecer por estar podendo participar aqui, levantando algumas questões. Eu queria começar perguntando sobre a visão de vocês sobre o impacto dessa decisão da criação da CPI no Congresso – é uma CPI ordenada pelo Supremo, obrigando o presidente do Senado a implantar essa CPI²¹. Ele acabou de dar uma entrevista dizendo que não vai fazer nada para prejudicar a CPI. Eu acho que CPIs no Brasil têm tido impactos políticos enormes. A gente já viveu algumas delas, quem lembra disso, quer dizer, é um fator de disputa política muito grande, e revelador. Eu acho que muitos falaram aqui em variados tons, das fissuras que estão acontecendo nas elites e integrantes, seja do empresariado, seja do judiciário, seja mesmo do parlamento, do Congresso Nacional – quer dizer, não são rachaduras, acho que são fissuras. Acho que a criação dessa CPI mostra esse tipo de encaminhamento e a imprevisibilidade que isso coloca aí no cenário.

Sobre o apoio que o Bolsonaro obtém nas classes populares, a minha questão é na manutenção que se mostra decrescente, aí já as pesquisas indicam isso, mas a minha pergunta é: esse apoio, que foi na primeira exposição colocado, ele tem muito a ver com a questão do auxílio emergencial que vigorou uma boa parte do ano passado, como agora esse auxílio tão apertado poderá se refletir na manutenção ou no decréscimo de um ritmo menor ou maior do Bolsonaro?

Na questão do empresariado, eu me pergunto o seguinte, perguntaria a vocês se essa divisão não está muito ligada a conexão das empresas ao mercado externo. Os dados aí mostraram a funcionalidade do governo Bolsonaro para as empresas, mas há um fator de pressão externa, e a gente nota justamente que as empresas que têm interesses mais ligados na chamada globalização, são as que estão tentando se distanciar mais do Bolsonaro, porque há uma pressão externa e provavelmente os negócios vão ser afetados, estão sendo afetados, por conta desse governo.

Então, se esse manifesto que saiu aí – que realmente é uma manifesto que é, digamos, muito contido para o tamanho do desastre que a gente está vivendo – se ele não poderá, em algum momento, ser, digamos, aprofundado, no sentido de um isolamento maior do Bolsonaro. Quando a gente olha para o jantar, ainda nessa semana aqui em São Paulo, eu olhei ali a lista, com uma inserção dentro do meio empresarial muito limitada. Hoje, já, a gente tem vários empresários em *offs*²² e querendo se distanciar desse grupo mais bolsonarista, mas não eram só bolsonaristas que estavam ali, estavam outros representantes. Eu pergunto se essa pressão externa, e agora com essa CPI colocada na roda, se isso não vai aprofundar a separação desses setores, ou a diluição desses setores, em apoio ao Bolsonaro?

20 Comemorado em 7 de abril, dois dias antes da realização desse debate. (n. r.)

21 O Supremo Tribunal Federal determinou em 8 de abril de 2021 que o Senado Federal instale a CPI da Covid-19. Saiba mais em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/04/08/interna_politica.1255171/stf-determina-que-rodrico-pa-checo-instale-a-cpi-da-covid-19.shtml>. Acesso em 10 abr 2021. (n. r.)

22 Em silêncio, pouco presentes no debate público. (n. r.)

Por último, eu queria perguntar sobre a reação da oposição e da esquerda, face essa catástrofe que a gente está vivendo. A gente está enfrentando um aumento do desemprego, do desalento, da fome no Brasil, de maneira muito forte, e muita gente fala da questão de ter caos, ter revoltas, mas isso tudo aparece de uma maneira muito diluída, sem organização, portanto, sem condição de peitar o governo de uma maneira mais forte, fica tudo muito frágil.

A condução da pandemia colocou a esquerda, ou a oposição, em casa, e a gente não está vendo reação. Quer dizer, é inimaginável pensar que a gente está tendo esse morticínio em curso e nada, praticamente, está acontecendo fora a nota de protesto. Então, como é que a população mais pobre vai reagir com essa situação muito mais terrível, do ponto de vista objetivo? Se os empresários já estão dando um sinal, apesar dos ganhos passados, esses ganhos não poderão ser reduzidos daqui para a frente? E a pressão externa deverá provocar uma fissura nisso? E as arestas da esquerda nesse momento?

William Nozaki: Obrigado, Eleonora. Eu quero lembrar a todos que a gente está sendo transmitido pelos canais da FESPSP no Facebook e no Youtube, e também pela Revista Fórum e pelo site GGN. Estamos recebendo aqui uma série de observações, elogios e perguntas no nosso chat. A professora Roseli Coelho faz observação aqui para o Eduardo lembrando que os militares também tiveram ganhos corporativos com cargos e salários no governo Bolsonaro, ela também pergunta aqui: “qual é o site do professor Eduardo?”. O canal do professor Eduardo no youtube, Roseli, se chama Diário da Crise.

O Osvaldo também pede para eu repetir o nome do site da Eleonora, é o “Tutameia.jor.br”. E também deixo como pergunta depois para os expositores uma questão colocada pela professora Maria Rosa, que ela diz o seguinte: “que o ataque constante e o desembarque dos grandes atores da mídia e do jornalismo tradicional, como é que fica?”. Ela pondera ali que aquela lógica de que “Globo põe, Globo tira presidente”, não funciona mais, então como é que a gente lê isso no atual cenário? Mas, enfim, sem me estender aqui demais, eu quero passar a palavra também para o nosso segundo provocador convidado aqui, que é o professor Angelo Del Vecchio, diretor geral da Sociologia e Política - Escola de Humanidades. Angelo, fica à vontade.

Angelo Del Vecchio: Bom, boa tarde. Eu quero recuperar alguns dos pontos colocados pelas três excelentes exposições, já que eu fui promovido aqui ao cargo de provocador pelo coordenador do debate, que é o William. Bom, o primeiro ponto, eu quero retomar uma questão colocado pelo Artur, que diz respeito ao caos como modo de conduta do Bolsonaro. Há muito tempo, desde que ele surgiu, antes de ser presidente, e despontou como uma possibilidade, especialmente as forças de esquerda, o qualificaram como fascismo, e nós não tiramos a consequência dessa qualificação.

Em que sentido ele é fascista? O que se quer dizer por isso? Eu penso que o traço mais claro é o seu método de fazer política, a guerra civil, a ideia de guerra civil como método, que é o que produz o caos, ela não produz consensos, ela não estabelece patamares evolutivos. A partir de determinados debates, ele vive de nomear o inimigo e desenvolver combate ilimitado desse inimigo, no caso, a esquerda. A questão que põe, é que esse método, por mais esdrúxulo que seja, teve relativo sucesso, pois ele chegou ao governo e tem o apoio, ainda que decadente, concordo plenamente com as análises que foram feitas aqui nesse sentido, considerável. Considerável.

Na última pesquisa XP para intenção de voto na presidência, ele é o segundo colocado, não é pouca coisa. Agora, é preciso considerar que esse método, ele se acoplou a uma política que basicamente é de desmanche das salvaguardas do trabalho, escritas na Constituição de 1988, e que nesse sentido, eu concordo, funciona relativamente bem, porque aumenta a rentabilidade e é um dos componentes do rearranjo produtivo. Mas eu penso que, e aí provoco a mesa, já que minha função é essa, faltam.

Seria interessante abordar novamente o que diz respeito à geopolítica. Há um flanco que coloca em questão o atual governo, que diz respeito a sua projeção no plano internacional. Primeiro, agora com a saída do caricato ministro das Relações Exteriores²³, com a sua diplomacia terraplanista, mas que na prática resultou no isolamento e na capitulação do Brasil nos fóruns internacionais, inclusive em um aspecto que é fundamental para a crise social e sanitária, que diz respeito à propriedade intelectual.

O Brasil não apoia as demandas da Índia e da África do Sul, na OMC, no sentido comumente, para usar a linguagem corrente, de quebrar patentes para poder produzir vacinas. Ou seja, não apoiando as demandas da Índia e da África do Sul, mas também a lei que nós temos que permite a suspensão temporária da propriedade intelectual, em casos de crise. É um país tíbio, tanto no plano internacional, quanto na solução dos próprios problemas internos. Essas coisas surgem combinadas, e creio que ainda, no que diz respeito ao aspecto geopolítico, o fato de nos tornarmos párias internacionais suscita movimentos contraditórios.

Por um lado, nós somos vítimas de um isolamento, que ele tem fundamento até nos aspectos sanitários, e isso é potencializado pela péssima diplomacia. Mas também há um movimento de solidariedade internacional, que não é solidariedade no sentido corrente, mas é solidariedade política, e que me parece pouco presente nas análises e é algo que talvez não tenha o poder de mudar a natureza de uma conjuntura, mas que tem uma importância muito grande, e a gente pode fazer, nesse caso, uma analogia com o próprio regime militar. A partir de um determinado momento, (o regime militar) começou a ter problemas de relacionamento internacional, decorrente do desrespeito aos direitos humanos, que é precisamente o que acontece hoje. Então, eu coloco esses temas como provocação aos expositores. Muito obrigado.

William Nozaki: Obrigado, Angelo. Com o nosso terceiro, vou continuar usando a palavra, provocador aqui do debate, eu queria convidar o professor Ubiratan de Paula Santos, o Bira, que é o nosso presidente do Conselho Superior da FESPSP, mas que cuja missão mais importante no último período, como médico, tem sido estar na linha de frente do enfrentamento da Covid-19. Obrigado, Bira, fica à vontade.

Ubiratan de Paula Santos: Boa tarde a todos. Obrigado, William, pelo convite. A minha impressão, ouvindo as três apresentações, é que há um cansaço com o governo Bolsonaro, cada vez mais presente nas camadas médias e nos de cima – chamado andar de cima – e também, de certa maneira, o começo de contaminação para baixo. O Brasil é muito complexo e não pode prescindir, buscar uma nova reinserção internacional nesse mundo complexo que nós vivemos, para poder ficar muito tempo submetido a esse tipo de política desse governo. Pode ser que dure um pouco mais do que gostaríamos,

²³ Ernesto Araújo foi ministro das Relações Exteriores no governo Bolsonaro, entre 1 de janeiro de 2019 e 29 de março de 2021. (n. r.)

mas acho que há a necessidade do esforço maior nosso, das oposições e de quem busca alternativas em apostar nessa superação o mais breve possível. Não é uma tarefa fácil, evidente.

O que eu queria perguntar, com alguns comentários, é, primeiro, quando se operou um golpe no Brasil, facilitado pelas fragilidades da transição do governo Dilma em 2014 para 2015, eles trataram de construir alguns mecanismos para reduzir a capacidade de reação do povo. Eles modificaram a legislação trabalhista; o poder do fogo dos sindicatos, tanto de recursos, como de negociações; a política de desemprego, de ajuste, que levou ao aumento progressivo do desemprego e de subemprego. A gente sabe que desemprego e subemprego são elementos antes das suas fases exclusivas de redução da capacidade de lutas dos trabalhadores. As pessoas que estão empregadas ficam com medo de perder seus empregos, a gente conhece isso. Então, foram tratando de desconstruir um arcabouço institucional brasileiro de garantia de direitos. Quando chega a pandemia, e ela se aprofunda de maio do ano passado para cá, nós temos um enfraquecimento da estrutura sindical, que já tinha as suas debilidades antes do golpe, mas ela foi substancialmente enfraquecida depois. Obviamente, o desemprego elevado e a pandemia como fatores de limitação importantes na movimentação de rua, que certamente deveria estar ocorrendo hoje, na minha opinião, massivamente, não fosse a pandemia, apesar das limitações do movimento de trabalhadores.

Eu acho que isso é um componente importante para explicar ainda uma, digamos, falta de aceleração no desgaste do governo atual, que eu acho que ele é crescente, embora lento. Uma outra questão, é que eu acho que as elites não têm candidato e não têm credibilidade para se apresentar em uma eleição defendendo a sua política pura. Não tem voto. Elas precisavam de um candidato como Bolsonaro, que não defende isso, ele entrega isso mas defende outras coisas. Ele fala sobre a Petrobras o que nós ouvimos, fala contra uma série de questões como se ele não fosse exercer, ou não fosse favorável, a um política neoliberal. É isso o discurso que ele faz correntemente, depois ele volta atrás para satisfazer os interesses de grupos empresariais. Mas a face que lhe mantém nos 30% não é a face neoliberal. Ele executa essa política, malemal, a gosto do Guedes²⁴. Mas ele executa uma política e tem um discurso narrativo de outro.

Por que ele faz esse discurso de cloroquina sem máscara? Esse discurso é essencial para ele manter a fidelidade do grupo dele, dos 30%. Ele não entregou nada de combate a pandemia eficiente, ele não pode abandonar esse discurso. Ele fala: “olha, quem defendeu as restrições à atividade comercial e industrial, isolamento, foram os governadores e a pandemia só avança”. Ou seja, ele tenta fazer um discurso para manter os 30%. Não é que ele acredite nisso, e nem os seus acólitos, é uma estratégia de manter a boiada, aqueles 30%, com o discurso de que se não fosse os governadores, as coisas estariam muito melhores. Então ele fica defendendo algo indefensável e serve, digamos assim, como panaceia, como pano de fundo, para manter uma agregação da sua trupe. Eu acho que isso é outro elemento, e nós temos que desconstruir isso.

As prioridades, na minha opinião, hoje são três: luta contra as mortes na pandemia, número um; segundo, luta contra as mortes na pandemia; e terceiro, luta contra as mortes na pandemia. Significa combater a pandemia, essas são as três prioridades que eu acho

24 Paulo Guedes, ministro da Economia no governo Bolsonaro desde 1 de janeiro de 2019.

no momento. Isso significa vacinação, isolamento social e contra qualquer maluquice de comprar vacina privada como estão tentando consolidar aprovação no Congresso. E, se isso for aprovado no Congresso, no Senado Federal, tentar inviabilizá-lo. Obviamente eu não tenho nada contra, que empresários mineiros ou não, contratem, como direito à livre iniciativa, uma enfermeira falsa para tomar vacina falsa²⁵, isso eu sou totalmente a favor, sem nenhuma restrição. Muito obrigado.

William Nozaki: Obrigado, Bira, pela observação e pela agenda. Eu queria agora passar a palavra para a minha querida colega aqui da Sociologia e Política, nossa filósofa, cientista política, também observadora arguta da conjuntura, professora Roseli Coelho. Bem-vinda! Obrigado, Roseli, fica à vontade para fazer suas observações.

Roseli Martins Coelho: Obrigada, William, obrigada a todos. Então, o título do nosso debate de hoje, “quem ainda vota no Bolsonaro”, expressa nossa perplexidade, a nossa, eu digo, do campo progressista e talvez das pessoas sensatas da sociedade. A nossa perplexidade. Como ainda existe gente que vota no Bolsonaro, que apoia o Bolsonaro? Isso já foi dito aqui, o Bira acabou de dizer, outras pessoas acho que disseram também. Ele tem em torno de 30% de apoio, e não é o núcleo duro. Um pessoal que estuda isso, que estuda voto bolsonarista, diz que não é o núcleo duro. Destes, apenas uma parte, provavelmente metade, seria dos bolsonaristas ideológicos mesmo, que compram todo aquele pacote de absurdos, enfim, de falta de senso mesmo.

Seja como for, 30% de apoio a ele e ao governo dele, é repugnante. Tudo que está acontecendo, está aí o Bira, mais experiente do que todo mundo no tema, propondo, e nós concordamos, que a primeira prioridade tem que ser cancelar esse número de mortos. Trinta aviões grandes caindo todos os dias, isso é uma loucura. Mas eu quero fazer uma observação rápida, para a exposição do professor Eduardo. Muito interessante Eduardo, eu não lembro direito como estava a lucratividade desses setores, das 500 maiores empresas, você colocou ali, já começaram a cair no tempo do governo Dilma, em 2015, mas está razoável. O mais importante foi a sua observação. A classe dominante, o bloco do poder – você usa essa expressão, com a qual eu tenho muita simpatia, lógico – continua apoiando o Bolsonaro. Sim, continua apoiando o Bolsonaro. De maneira uniforme, homogênea, não. Isso a gente sabe.

Está aí a Globo, a maior televisão do país, uma das maiores talvez do mundo, exatamente porque pode ter quase um monopólio. A Globo que divorciou-se do Bolsonaro, agora há poucos meses, e provocou uma movimentação neurótica. Eu comentava hoje que uma jornalista bolsonarista na rádio CBN, que é do bloco Globo, passou a criticar o Bolsonaro, se achando na nova função, porque enfim, entre seis e dez meses atrás, não era isso que acontecia. Mas, enfim, o bloco no poder apoia o Bolsonaro? Acho que sim. Com fissuras, com divergências lá dentro, mas apoia sim. Mas o nosso grande problema, enfim, uma pergunta para todos, não é isso que forma o apoio propriamente.

Esses 30%, algo em torno disso, são uma massa. São milhões de pessoas. Milhões de pessoas, significa milhões de pessoas pobres. Constituídas de classe C, classe D e classe E. E continua a nossa perplexidade, a nossa surpresa e a nossa ignorância. Por que apoiam o

25 No final de março, a Polícia Federal prendeu uma falsa enfermeira suspeita de aplicar vacinas falsas em donos de empresas de ônibus que operam na capital mineira. Saiba mais em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/03/30/falsa-enfermeira-suspeita-de-participar-de-vacinacao-clandestina-e-presa-pela-pf-em-bh.ghtml>>. Acesso em 10 abr 2021.

Bolsonaro? Só por uma questão de religião, por um moralismo, um antipetismo? O Jairo Nicolau, nesse livro que já foi citado, tem algumas hipóteses, mas não tem respostas. São várias hipóteses, das mais perversas, de que o bolsonarismo só fez aflorar o que há de pior no Brasil e que sempre esteve aqui de forma latente: o preconceito, a homofobia, o desprezo pela vida; todo este pacote, que forma o bolsonarismo. Até explicações mais delicadas, de pessoas que acham que os apoiadores na verdade enxergam o lado bom dele, que seria uma pessoa autêntica e religiosa, ou qualquer coisa assim. Enfim, para pensar, não é? Eu acho que não tem exatamente nem uma e nem várias respostas definitivas. É uma forma, uma dica para a gente pensar. É isso aí pessoal, grande abraço para todo mundo. Fui vacinada hoje, segunda dose, viva o SUS.

William Nozaki: Muito bem, Roseli. Parabéns! A gente fica feliz cada vez que ouve a notícia de alguém que foi vacinado. É uma dádiva. Infelizmente deveria ser um direito, mas nessa conjuntura, a gente passa por esse estado de coisas. Para concluir o nosso bloco de cinco intervenções, antes de eu devolver a palavra para os nossos expositores, então eu convido agora o companheiro Vicente Trevas, conselheiro da Escola, presidente da Ansur²⁶, também uma parceira nossa, aqui da Cátedra Celso Furtado. Obrigado, Vicente, fica à vontade para fazer as suas observações.

Vicente Trevas: Inicialmente, muito boa tarde a todas e todos. Mais uma vez cumprimentar o William, por essa importante iniciativa, e também os expositores que trouxeram elementos muito importantes para a nossa reflexão. Eu quero me associar muito aquela observação do Artur sobre a sensibilidade na temporalidade das nossas reflexões. Eu estou convencido que hoje o que caracteriza o nosso país é um processo de realinhamento em curso de todas as forças políticas, econômicas e sociais. Esse processo de realinhamento, ainda não chegou a novos alinhamentos. Então, portanto, nós estamos em uma conjuntura de muita complexidade e de muitas incertezas. Mas eu queria explorar a dimensão já sinalizada pelo Angelo, geopolítica, lembrando que nós somos um país da semiperiferia do sistema mundial.

O que ocorre, e se entende como grandes mudanças no nosso país, não é só fruto de uma dinâmica interna, nacional. Nós temos de ter muita clarividência, e muita atenção, para outras sobredeterminações das nossas crises políticas e do nosso desenvolvimento nacional. Então eu queria trazer, à consideração dos nossos expositores, essa dimensão geopolítica. Porque, no fundo, o governo Bolsonaro é fruto de uma complexa equação. Ele não é a variável única do seu sucesso e isso já foi estabelecido aqui pelas considerações anteriores.

Mas eu queria chamar a atenção para a dimensão geopolítica que produziu o que se entende do governo Bolsonaro e o bolsonarismo; e também a dimensão geopolítica que pode desconstruir o governo Bolsonaro e o bolsonarismo. Em relação à dinâmica geopolítica que nos conduziu ao governo Bolsonaro, eu queria chamar a atenção para um fato muito importante: a partir de 2014, houve uma decisão de atores internos e atores internacionais para viabilizar a interdição do Partido dos Trabalhadores no governo da nação brasileira. Só para lembrar, veja, ainda em dezembro de 2014, o candidato derrotado, Aécio Neves²⁷, questionou a legalidade, se entende, dos próprios resultados das eleições. Mas eu vou me fixar nas dimensões geopolíticas.

26 Articulação Nacional do Solo Urbano. (n. r.)

27 Hoje, Aécio Neves é deputado federal pelo PSDB-MG, eleito em 2018 com mandato até 2022. Mas em 2014 ele foi candidato à presidência pelo mesmo partido. Recebeu 48,36% dos votos no segundo turno, enquanto Dilma Rousseff (PT) foi reeleita com 51,64% dos votos. (n. r.)

Durante a campanha presidencial de 2014, ocorreu um fato que foi muito pouco considerado em função da própria campanha eleitoral, porque era agosto de 2014: uma reunião em Fortaleza, dos BRICS²⁸, que tomou duas decisões estratégicas, de repercussão geopolítica muito grande – a constituição de um fundo de contingência de 100 bilhões de dólares e a formação do Banco Brics²⁹. Então nós poderíamos dizer e especular que ali estava evidenciando um FMI 2 e um Banco Mundial ²³⁰. Mais do que isso, antes também, dois processos importantes colocaram o nosso país numa encruzilhada geopolítica. Primeiro, os movimentos que o Brasil fazia, sob a liderança do presidente Lula, da integração regional – e aqui lembrar que o movimento que fizemos teve vários resultados importantes, por exemplo, ele não só retomou e deu vitalidade ao Mercosul, mas ele constituiu uma alternativa à OEA, na região, que foi a Unasul.

A Unasul, eu não sei se nós temos muita clareza, significou a constituição de um mecanismo do nosso continente sulamericano para arbitrar os nossos conflitos internos e provocar processos de convergências. Quero lembrar que o nosso continente tem vários contenciosos: a saída do mar da Bolívia, contencioso no Chile, Peru, Equador, além do fator Venezuela. E nós constituímos um mecanismo de resolução dos nossos conflitos internos. Mais ainda, nós começamos também a dar uma relação desse subcontinente com outras partes do mundo. Então, por exemplo, o encontro mediado pelo Brasil, da América do Sul, com os países árabes e a relação com a África. Houve um movimento de muita ousadia, que foi a construção da CELAC, ora, o que é a CELAC? A CELAC é a reunião de todo o hemisfério americano, menos Estados Unidos e Canadá.

Essa região estava fazendo movimentos geopolíticos em um contexto de macro mudanças geopolíticas. Portanto, eu acho que essa dimensão é uma dimensão muito importante. Mais ainda, no processar da hegemonia ou dos interesses geopolíticos americanos, nós sabemos que uma estratégia foi montada, uma estratégia mundial, chamada das guerras híbridas. Então, talvez, para entender 2013 a gente tem que fazer uma leitura não só da dinâmica interna, mas também dessa estratégia de porte mais internacional.

A mesma coisa com a Lava Jato. A Lava Jato não é só um movimento interno, isso cada vez mais está documentado, está muito comprovado. Então, nós temos aí um conjunto de dinâmicas geopolíticas que incidiram no processo brasileiro, que resultou na eleição do Bolsonaro. Além do fenômeno de uma grande articulação internacional da ultradireita mundial. Então nós não podemos ser ingênuos de não ver o dedo das articulações internacionais da ultradireita no processo, inclusive, eleitoral – isso também já está demonstrado. O papel do Steve Bannon³¹, se entende? Porque, no fundo, nas eleições em 2018... Nós vivemos como país uma grande manipulação, que cada vez mais as evidências comprovam.

Então, nesse sentido, chamar atenção para o processo que levou à constituição do bolsonarismo e do Bolsonaro, essa dimensão geopolítica. Mas também quero chamar atenção para mudanças na geopolítica que podem levar à desconstrução do governo Bolsonaro.

28 Grupo formado por países emergentes, que se destacaram no cenário mundial pelo seu rápido crescimento econômico, sobretudo no começo dos anos 2000. Os BRICS são formados por: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. (n. r.)

29 Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), operado pelos países que integram os BRICS. (n. r.)

30 A ideia é que o NBD fosse uma alternativa aos países emergentes em contraponto ao FMI e ao Banco Mundial. (n. r.)

31 Ex-estrategista do ex-presidente estadunidense, Donald Trump, Bannon é um articulador político da extrema direita e do conservadorismo internacional, inclusive tendo participado de diversas reuniões com a família Bolsonaro, antes e após as eleições brasileiras de 2018. (n. r.)

E aqui, veja, o governo Bolsonaro tem quatro agendas complicadas: o Angelo já falou do isolamento, mas é um isolamento com conteúdos. E aqui eu quero colocar a questão da Amazônia; a questão das mudanças climáticas; a questão da pandemia, nós como hoje um risco sistêmico para a comunidade internacional; e a questão da China. Portanto, eu acho que nós teremos que ter muita sensibilidade a essas dimensões geopolíticas e gostaria de pedir as considerações dos nossos expositores, muito talentosos. Muito obrigado.

William Nozaki: Muito obrigado pelas colocações, Vicente. Eu quero devolver agora a palavra para os nossos expositores. Eu sei que são muitas questões, são muitos elementos, todos muito ricos, mas eu vou devolver a palavra para os expositores e pedir para que concentrem as respostas em torno de 7 ou 8 minutos, para a gente poder tentar ficar aqui dentro da margem do nosso horário. Eu devolverei a palavra na mesma sequência das exposições. Então, professora Tathiana Chicarino, por favor, fique à vontade.

Tathiana Chicarino: Obrigada William, a todos os provocadores – vou usar o mesmo termo. Bom, vou tentar pinçar algumas questões aqui para responder. Acho que começando pela Eleonora. Vou puxar a sardinha³² sempre para o meu lado, para o meu campo de pesquisa, obviamente. Acho que é interessante a questão que a Eleonora traz sobre a instauração da CPI ou CPMI – não sei se ela vai ser mista ainda. Nas CPIs anteriores, é corrente o fato de que a gente sabe como ela começa, mas não sabe como ela termina. Então tem esse fator de instabilidade mesmo. Eu lembro que a gente tem uma CPMI que está acontecendo, está em vigor, mas que não está com os trabalhos em funcionamento: que é a CPMI das Fake News.

Então, acho que também tem essa questão: como que, durante a pandemia, o Congresso vai conseguir dar conta dessa CPMI? Mas pode, sim, ser um fator interessante. Aí já articulo aqui com o que o Ubiratan disse, “é fake, né?”, então o governo tem várias questões fakes aí, o bolsonarismo tem o fake em sua constituição. Então, dentro da CPMI das Fake News, que eu acompanhei muito, até apresentei um trabalho na Anpocs do ano passado sobre, o bloco bolsonarista – de parlamentares bolsonaristas – conseguia o tempo todo parar os trabalhos. Parar as oitavas. Então, isso ainda é importante. O Bolsonaro tem parlamentares que são muito fiéis a ele. Parlamentares bolsonaristas. E, agora, com essa aproximação com o centrão, a gente também tem que ver como é que essa configuração dentro do Congresso se dará. Então, não basta a CPMI ser instaurada, ou CPI ser instaurada, mas: como que os parlamentares vão lidar com isso? Claro, mas o elemento de instabilidade sempre existe.

A outra questão que a Eleonora coloca, da reação da esquerda. Eu acho que daria um bate-papo só sobre isso, uma live só sobre isso, mas o que eu pontuaria é que a esquerda, de um modo geral, mas (principalmente) a esquerda que tem pretensões eleitorais, tem como uma das principais estratégias a capilaridade e a mobilização social. E isso fica muito difícil dentro do contexto que a gente está vivendo, de morticínio que a gente vive, esse caos que a gente vive. Quer dizer, então esse elemento já fica difícil de a gente pensar em uma reação. “Ah, então poderia ser nas redes?” Poderia, mas também há questões complicadas. Por exemplo, a gente tem dados de que a extrema-direita atua nas redes sociais com muito dinheiro, não é uma coisa espontânea. Então, (em contrapartida) a gente teve a campanha eleitoral do Boulos³³, que trouxe uma lógica diferente de pensar a articulação nas redes, mas a gente sabe que isso é difícil de ser feito.

32 Trazer destaque. (n. r.)

33 Guilherme Boulos foi candidato à prefeitura de São Paulo pelo PSOL em 2020; chegou ao segundo turno contra Bruno Covas (PSDB), que foi reeleito. (n. r.)

Aí eu faço mais uma provocação para a Eleonora, de que “o apoio do Bolsonaro está ligado ao auxílio emergencial”. A gente não tem ainda dados substantivos para justificar essa afirmação, para sustentar essa afirmação, a gente tem algumas hipóteses. Mas se “há uma correlação muito forte”, isso ainda demanda muita pesquisa. O fato do auxílio emergencial ter ficado um período aí sem – agora que está acontecendo novamente – também pode ter refletido na popularidade dele, mas é difícil a gente mensurar isso. A outra questão que eu coloco é que, dentro da questão do auxílio emergencial e da pandemia, é que a pandemia é algo imponderável. Ela aconteceu. Isso é percebido pelos apoiadores do Bolsonaro. A gente tem dados qualitativos já sobre isso: de quem que eles responsabilizam sobre a pandemia e sobre o caos da pandemia. Não necessariamente ao Bolsonaro – e eu estou falando dos apoiadores, não de forma geral – muitos deles acusam e colocam a culpa nos governadores, por exemplo: de como eles não conseguem trabalhar, que é possível ter outras alternativas. E a gente sabe que não tem, Roseli está aqui, vacinada, é vacina para todos, é a única solução.

Aí eu vou tentar pegar um pouco do que a Roseli trouxe, depois vou para a questão internacional e da Maria Rosa. É uma questão complexa mesmo, saber quem são esses apoiadores. Existem alguns indícios que apontam que esse núcleo duro tem em torno de 15%, mas, de novo, é difícil mensurar – ainda mais no momento que a gente está vivendo – e as pesquisas são muito difíceis de serem realizadas, eu falei da questão dos problemas metodológicos que a gente tem. Sim, a gente tem algumas pistas dessa moralidade pública, que tem um antipetismo junto, e essa questão da segurança, que é uma segurança não do aparelho do Estado apenas, mas que articula com as Forças Armadas, com milícias. Então, algumas dessas questões são relevantes. A questão da meritocracia também. Mas, de novo, eu concordo completamente com a Roseli, que é algo complexo.

A Maria Rosa colocou uma questão sobre a Globo. E isso é super interessante. A Globo não apoia mais. A Globo é um ator interessante da gente estudar. A Globo não apoia o Bolsonaro, tem feito críticas muito fortes em relação ao Bolsonaro. Mas, ao mesmo tempo, eles ainda reiteram um tipo de discurso que foi presente em 2018, de uma falsa polarização. Como se o Lula fosse um outro extremo do Bolsonaro. Então, essa falsa dicotomia, essa falsa polarização, é uma tônica dessa grande imprensa também. Em 2018, eles tentaram rearticular um centro ou apresentar um centro viável, um centro que não existe. Eles chamavam de um novo Macron brasileiro, hoje eles tentam reviver um novo: o Biden brasileiro. Isso é uma constante dentro da grande imprensa brasileira, de achar que existe um centro, e de que Bolsonaro e Lula são dois extremos. Acho que é importante ponderar isso.

Bom, indo para os finalmente das duas questões trazidas tanto pelo Angelo, quanto pelo Vicente, sobre as questões internacionais, o contexto internacional e a geopolítica. Eu acho que tem algumas questões super importantes que a gente poderia discutir, de 2013. Como 2013 vem na esteira de outros movimentos sociais de contestação: Indignados na Espanha³⁴, Occupy Wall Street³⁵, Primavera Árabe³⁶, e tudo mais. Também, um contexto em que a presidenta Dilma Rousseff foi espionada, dentro daquela movimentação de petróleo e tudo mais³⁷. Então isso é algo extremamente importante.

34 Protestos realizados por cidadãos espanhóis em 2011 reivindicando mudanças na política. (n. r.)

35 Protestos nos Estados Unidos, também em 2011, contra a desigualdade e a influência de empresas no governo. (n. r.)

36 Onde de manifestações que começou em 2010 e foi até 2012 contra governos pelo Norte da África e o Oriente Médio. Derrubou governos ditatoriais, ao menos temporariamente, e começou o levante na Síria, que levou a uma Guerra Civil que ainda está em curso. (n. r.)

37 Para saber mais, acesse: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/513286/noticia.html?sequence=1>>. Acesso em 11 abr 2021. (n. r.)

Agora, no que se refere ao Bolsonaro e aos apoiadores mais próximos dele – não os eleitores, mas quem tá ali no núcleo do bolsonarismo –, eles se articulam com uma extrema direita internacional, sim, de fato, isso realmente acontece. E, não à toa, um dos principais ministérios, até então, do Bolsonaro, era o Ministério das Relações Exteriores. Com uma pessoa fundamental ali que é o Felipe Martins, o assessor para assuntos internacionais. Eu cheguei até a escrever um artigo sobre o discurso do Felipe Martins e como que ele articula alguns desses elementos que eu disse anteriormente, sobre essa corrupção da carne, essa moralidade pública, a questão que ele traz de globalismo e soberanismo vai nisso, vai tratar disso, de um outro tipo de democracia, que se ancora, por exemplo, em um conservadorismo que ele diz que é presente no Brasil, e majoritário. A gente poderia discutir isso muito aqui. Mas são esses elementos que eu coloco. E o fato do Trump não ter sido reeleito, pode ser também um indicador de que essa articulação internacional da extrema-direita tenha sofrido algum abalo, enfim, alguma fissura. Mas, a ver. Como foi dito, o tempo conjuntural, esse tempo que a gente está vivendo agora, é muito difícil de fazer análises de mais médio prazo. Bom, mas é isso, acho que eu passei, tentei passar aqui pelos pontos colocados, super relevantes.

Eduardo Costa Pinto: Eu vou começar respondendo de trás para frente, que é a questão geopolítica, e reforçar um pouco o final da minha fala. Por que eu estou querendo destacar isso? Porque, para mim, nós estamos vivendo o 18 Brumário Tupiniquim. E, para quem não sabe, qual é a ideia do 18 Brumário? É a partir da leitura do Marx, entre 1848 e 1851, ele vai descrever um período de fortes conturbações, revoluções, articulações e golpes, na França. E essencialmente é o que? Todo mundo se unifica – a burguesia francesa, a pequena burguesia, a burguesia agrária menos, mas a burguesia financeira, parte dos trabalhadores – para derrubar a monarquia.

Depois da derrubada da monarquia, houve uma disputa entre a burguesia agrária, os proprietários de terra e os financistas, para ver quem assumia o poder. Que, em um primeiro momento, os trabalhadores vão reivindicar e vão ser escoraçados. Então começa a disputa entre as frações dessa burguesia. É nesse gancho que o sobrinho-neto do Bonaparte, Luís Bonaparte, vai assumir o poder, mesmo contrário aos interesses da burguesia, a partir do apoio das forças militares e apoio do lumpemproletariado. E, depois disso, estabiliza o sistema para os próprios capitalistas franceses, que naquele momento não queriam a sua chegada no poder.

Por que eu estou descrevendo isso? Porque a minha hipótese é que nós vivemos desde 2015 – ou se alguém quiser 2013, mas claramente 2015 – um 18 Brumário Tupiniquim, e que não tem ainda o Bonaparte para estabilizar. Por que eu estou falando isso? O Marx alerta isso nesse texto, que é importante para pensar a questão da economia e da política: em determinadas conjunturas o poder de Estado é separado do poder de classe; e essa é minha hipótese do que a gente está vivendo. O que eu estou dizendo de crise institucional é esse tipo de conexão. E por que isso? E como é que isso traz para a geopolítica? Porque eu acho que é fundamental o que vocês trouxeram, que não deu tempo de explorar, por mais que a gente já tenha produzido até sobre isso. Para mim é fundamental a geopolítica, eu acho que os governos do PT não souberam lidar com seus sucessos. Qual foi o efeito da descoberta do Pré-Sal (no lado externo)? Qual foi o tipo de inserção positiva? Uma negociação com o Irã? Não se soube lidar com as reações. A gente tem que lembrar que o imperialismo humanitário do Obama foi o que espionou a Petrobras, espionou a Dilma. Ali, claramente, você teve um processo de desestabilização de guerra híbrida, sim, que começa já em 2013.

Agora, que eu acho fundamental aqui: eles jogaram a bactéria. É a lógica da guerra híbrida. Eles jogaram a bactéria a partir da Lava Jato. A questão é que todos os atores, os grandes atores, operaram e alimentaram a bactéria, achando que iam controlar a bactéria. Então o PSDB faz a lógica de 2015, já com o Aécio. O próprio Gilmar Mendes apoia a Lava Jato. Então, todo mundo achou que poderia se aproveitar desse processo e controlar a bactéria. E essa bactéria, essa Lava Jato, ganhou uma autonomia relativa por um período e espaço de tempo, só que essa autonomia foi gerando o quê? Destruição institucional.

Isso, eu costumo demarcar em quatro momentos históricos para a gente entender a nossa tragédia brasileira: que é o golpe parlamentar de 2016, em que você tem uma coalizão que vai para o antipetismo e isso vai viabilizar lá na frente depois na vitória do Bolsonaro; tem um evento que o pessoal destaca pouco, que é o efeito Temer/Joesley³⁸, isso implode o sistema político por dentro – ali para mim é um elemento importante para entender também a vitória do Bolsonaro, é evidente que a vitória é multifacetada, mas ali também tem a ideia do antissistêmico, ou seja, “ó não é só o PT que rouba, são todos os partidos políticos”. Ali o Aécio, aquele que era o candidato, diz assim: “vou, qualquer coisa a gente mata o primo”³⁹.

O segundo elemento da nossa tragédia é o twitter do Villas-Bôas⁴⁰, que ele balança as armas, com o Twitter, pressionando o sistema político para eleger o candidato dele. Depois, a própria vitória do Bolsonaro, que precisa gerar instabilidade. É evidente que a lógica geopolítica operou, mas nós não tivemos anticorpos para conter isso, como a Turquia do Erdogan⁴¹ teve, em vários momentos dessa instabilidade. Por que? Porque quer seja por interesse corporativo, quer seja por interesse individual, quer seja por interesse para se salvar, todo mundo operou com o mecanismo da Lava Jato. E qual é o mecanismo da Lava Jato? Balançar o barco para alcançar seus objetivos. Gerar instabilidade para obter poder. Então esse mecanismo permanece.

É por isso que eu estou chamando essa crise institucional de 18 Brumário. O Bolsonaro para sobreviver precisa gerar instabilidade. Evidente que o apoio do Bolsonaro veio do Trump, evidente que tem uma extrema-direita mundial que é forte, e para mim permanecerá forte, porque não passa apenas pela questão das fake news. A extrema-direita se vende também como alternativa anti-sistêmica, mesmo, você pode dizer que é retórica, mas ela se vende. Porque tem uma profunda crise de sociabilidade da gestão do capitalismo por ótica neoliberal, mesmo muita gente ainda permanecendo com ideologia neoliberal. Esse eu acho que é o elemento fundamental para entender como a gente chegou até hoje.

Como a gente chegou até hoje nesse contexto do Bolsonaro? E aí eu tenho algumas percepções. Acho que o termo é fissura e não rachadura. É evidente que a pandemia acelerou as fissuras, acelerou as tensões. Aí Artur, acho que é a parte racional dos nossos capitalistas, eles estão olhando o curtíssimo prazo, porque “como as instituições estão em crise, eu não fico preocupado com o futuro, com o devir, eu tenho que realizar agora”. Está todo mundo

38 A política federal gravou uma ligação entre o então presidente da República, Michel Temer, e o empresário Joesley Batista. Saiba mais em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/veja-trechos-da-conversa-entre-temer-e-joesley-que-foram-recuperados-pela-pf.ghhtml>>. Acesso em 11 abr 2021. (n. r.)

39 Saiba mais em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/audio-aecio-e-joesley-batista-acertam-pagamento-de-r-2-milhoes.ghhtml>>. Acesso em 11 abr 2021. (n. r.)

40 General do Exército Brasileiro. (n. r.)

41 Recep Tayyip Erdogan é presidente da Turquia desde 2014. (n. r.)

realizando no curto prazo. Por isso que o pessoal tenta comprar vacina e furar fila. Por isso que o pessoal tenta passar a boiada. A boiada não é fala do Salles, a boiada representa os interesses da grande burguesia brasileira. E aí, nessa dimensão, é evidente que tem particularidades, ou seja, pensar o capital e também pensar nas disputas entre essas facções.

O caso da Globo é interessante, porque é uma das empresas financeirizadas fortemente no Brasil, que não é grande maioria. Metade do lucro da Globo é da lógica financeira. E com a queda nos juros nos últimos quatro anos, a Globo perdeu lucratividade, porque a parte financeira reduziu. Basta olhar o balanço que saiu recentemente. Como a UOL, que é proprietária da Folha. Então, tem sim particularidades nesse capitalismo e acho que essa profunda mudança no padrão de acumulação muda a relação desse bloco no poder e dessa burguesia.

A burguesia bolsonarista na verdade não é só bolsonarista, ela também agora tem mais estoque de riqueza, dada a reconfiguração do capitalismo. Nesse sentido, não é que talvez eu tenha sido pessimista nos últimos anos, mas a minha questão é a seguinte: não acho que a ideia é que o Bolsonaro desmanche facilmente. Esses 30%, pessoal, é no momento que o Bolsonaro está no auge da pandemia e sem auxílio. Talvez, achar que o Bolsonaro nesse ano não vai reagir... Eu acho que, se o Bolsonaro, por exemplo, tiver de enfrentar a Faria Lima⁴², para ter a base dele dando mais auxílio, enfrentará.

Esses são os elementos fundamentais para entender esse processo. E os 30% (são um número) grande, aí, claro, o perfil é sul do país e região centro-oeste, onde a popularidade inclusive é maior; entre dois e cinco salários mínimos; homem; branco. Evidente que também tem no nordeste, mas é menor. Assim, claro que não tem comprovação empírica ainda do auxílio, mas é impressionante como o auxílio, não dá para dizer que tem correlação, mas caminhou junto: o auxílio com a recuperação da popularidade do Bolsonaro e agora também com a retirada (dessa popularidade). O auxílio eu sei que é pequeno, mas isso pode gerar algum alento. Então, assim, eu acho que a empreitada é muito grande. Eu acho que o campo da esquerda ainda está meio que querendo um desejo de que as coisas se resolvam por si só. É claro que está todo mundo cansado, ninguém aguenta mais, está difícil, mas eu acho que não pode deixar que o desejo contamine a análise para pensar a estratégia. Nesse sentido, acho que ainda o caminho é longo, 2022 é longuíssimo prazo, e 2022 por si só não resolve as profundas contradições que a gente está vivendo desde 2015.

O Bolsonaro amplia esse processo, mas parece que assim: “tira o Bolsonaro e está tudo resolvido, é possível voltar a um governo de esquerda como foi em 2002 e 2003”. A sociedade mudou profundamente, tensionou. Não é possível a conciliação de classe como foi realizada. Por que? Porque o andar de cima continua no seu projeto de profunda desestruturalização. Aí, para fechar com a lógica, precisamos, sim, salvar vidas, salvar vidas e salvar vidas. Vacina, vacina, vacina. Auxílio de 600 reais, porque senão as pessoas não podem ficar em casa. Auxílio, auxílio, auxílio de 600. E o *impeachment* do Bolsonaro. Sem isso, acho que esses três elementos são fundamentais porque tem uma parte que vai na vacina, mas não está pensando *impeachment* porque tem um custo. Qual é o custo? O custo é que o candidato dele, dessa burguesia, orgânico, não consegue ganhar uma eleição. Acho que esses são os elementos que eu queria pinçar.

42 Avenida em São Paulo onde se estabeleceram importantes empresas do mercado financeiro, que movimentam parte expressiva do PIB brasileiro. (n. r.)

Artur Araújo: Primeiro, rapidamente, eu queria combater claramente o que para mim são dois fetiches muito complicados. O primeiro deles é o fetiche da mobilização física. Eu queria que alguém que acha que é impossível fazer política sem mobilização de rua, me explicasse, por exemplo, como é que a entrevista, depoimento e pronunciamento do Lula sem uma única pessoa na rua, teve o impacto que teve. Há uma coisa chamada formação da opinião pública, que claro que seria facilitada com a mobilização física, mas a mobilização física não é uma obrigatoriedade. É perfeitamente possível, e nisso eu acho que nós temos falhado seguidamente. Se você acertar no discurso, e você o fizer chegar às pessoas, não precisa obrigatoriamente da manifestação de rua. É possível você trabalhar a opinião pública, e você ressaltar os interesses, as necessidades e os desejos das pessoas, por vários mecanismos. Então, eu acho que há uma paralisia política da parte das oposições do Brasil, com o que eu chamo de um fetiche da mobilização física, que acaba nos levando a deixar de lado um trabalho bem feito, profissional, pensado, planejado, de comunicação de massas, que permitem incidir sob a opinião a pública.

Segundo fetiche que eu acho muito perigoso: esse fetiche dos 30%. Eu quero saber quem são esses 30%. Que nesses 30% há as coisas mais diversas. Há manifestações de interesses, de necessidades e de desejos, distintos. Com isso, eu queria defender muito claramente, publicamente, que algumas pessoas precisam receber grandes verbas hoje, a Tathiana seria uma, a outra seria, por exemplo, a Isabela Kalil, a outra é Esther Solano, e vários outros pesquisadores que estão tentando produzir algo que hoje nos falta desesperadamente, que é exatamente compreender quais são as razões que levaram as pessoas a apoiar Bolsonaro, e quais seriam as razões que as levam a continuar apoiando ou deixando de fazê-lo.

Nós, hoje, estamos trabalhando com dados acumulados, dados congregados, que pouco nos dizem. 30% apoia. Mas quem são esses 30%? Por que razão eles fazem isso? Isso para mim é essencial para que se possa traçar uma tática de trabalho em cima disso. Para conseguir identificar onde estão as clivagens disso. As linhas de menor ou maior resistência, para se poder definir uma atuação política. Acho que, então, o primeiro ponto que eu gostaria de destacar é esse. Acho que a gente tem que escapar desses dois fetiches. O fetiche da mobilização física como absolutamente necessário. E o fetiche dos 30% sem compreender o que eles significam na verdade.

Segundo ponto que eu queria tocar: em abril do ano passado, o Gilberto Maringoni e eu começamos a brincar com uma hipótese e inclusive publicamos sobre ela: o bolsonarismo é essencialmente uma expressão do lúmpen; foi bom até o Edu ter levantado isso, que é exatamente a partir da ideia do 18 Brumário que a gente trabalhou com isso. O que se organiza em torno do bolsonarismo são os retalhos, são os trapos – que essa é a origem da palavra lúmpen – de cada uma das frações de classe no Brasil. O bolsonarismo não é orgânico das classes dominantes, não é orgânico das camadas médias, e muito menos orgânico das classes populares. O que é orgânico no bolsonarismo são fímbrias, são coisas às vezes até aberrantes, de cada uma dessas frações.

Onde eu acho que tem o grande sucesso do bolsonarismo? Ele explora uma das principais heranças geopolíticas, uma das principais heranças do neoliberalismo, que é o sentimento antissistêmico. A força do bolsonarismo, para mim, que consegue, a partir desse lumpesinato – que é, vamos dizer, o bolsonarismo raiz – ganhar uma dimensão de massas no país. E consegue também penetrar nas camadas médias, porque a institucionalidade, o *establishment*, vem negando há várias décadas o que era um princípio do estado de bem estar social, que é a contínua melhora da qualidade de vida.

O neoliberalismo reduz violentamente a possibilidade das pessoas de progresso material, por desemprego, por redução salarial, por precarização, por redução de serviços públicos. O sentimento anti-sistema, ou seja, culpar o sistema por isso, é algo que é internacional, isso a gente assiste no mundo inteiro. E acho que no Brasil, inteligentemente, o bolsonarismo se vale disso. E é por isso que inclusive ele, até hoje, utiliza isso. Boa parte do negacionismo em relação ao problema sanitário, do meu ponto de vista, tem relação com isso. É antissistêmico. Tudo aquilo que vem do conhecido, da ciência, do oficial, a negação disso tem um território que é extremamente propício.

Então eu acho que é uma hipótese que valeria a pena nos explorarmos com mais qualidade, com mais base empírica, com mais base de dados, com mais base de pesquisas, mas me parece que o bolsonarismo, de certa maneira, significa uma reação ao neoliberalismo, apesar de manter, e por aliança, a pauta econômica do neoliberalismo. Mas também sempre pensa. Isso a gente nota. Que tem o vai e vem. A posição dele, por exemplo, na Reforma da Previdência, foi dúvida. O enfrentamento que ele está tendo com a Faria Lima, em relação à política de preços e ao comando da Petrobras. Quer dizer, a gente tem dezenas de exemplos, em momentos em que ele volta a explorar esse sentimento antissistema, como um mecanismo de congregar apoio popular.

Por fim, eu acho que há um desafio que é: o que falar com a multidão? Acho que há potencial sim, para que a multidão se desloque cada vez mais e retire desses 30% a sua parte. Não o fará pela discussão ideológica. Não o fará pela discussão de valores. Infelizmente, mal o fará pela discussão democrática. Essencialmente, é pelas condições de vida. Daí porque o auxílio emergencial é algo absolutamente fundamental. Daí porque a frente de trabalho, contratação de gente e gerar emprego a partir do Estado, é absolutamente fundamental. Ou seja, as oposições, se quiserem descolar dos 30% de apoio e trazer para a massa, contra essa lumpen de pessoas. Do meu ponto de vista, tem que focar decididamente o seu discurso, nas formas de deter a pandemia e nas formas de melhoria imediata, visível, confiável, factível, das condições de vida da maioria dos brasileiros. Não será com as promessas para uma candidatura de 2022, não será com planos estratégicos.

Eu estou muito convencido de que, se nós quisermos fazer aquilo que potencialmente me parece possível, que é deslocar do apoio ao bolsonarismo a fatia popular para trazê-la à oposição ao governo, o centro do discurso e o centro da atuação são oposições se mostrarem como portadoras de uma alternativa imediata e crível ao que está hoje em curso. Acho que esse desafio está presente. Por fim, para fechar, aceitando essa provação do Edu, eu acredito que estruturalmente há vantagens para o bloco no poder, para um regime que permita um alto nível de desemprego, mostra o quanto o desemprego é fundamental para o capitalismo, e que se dispõem a fazer reformas no Estado, no sentido de redução de serviços, no sentido de redução de tributação, etc, etc. Isso é uma verdade, estruturalmente eu concordo. Agora, eu acho que conjunturalmente, até porque o bolsonarismo não é orgânico desse bloco no poder, ele é orgânico na sua fatia lumpen, as discussões concretas da pandemia, da fome, da falta de dinheiro, da desesperança, colocam para o bloco no poder uma preocupação que é real: isso é controlável ou isso pode vir a explodir e ser necessário resolver isso *mano militari*.

Acho que essa tensão conjuntural leva às fissuras ou às rachaduras, e eu concordo com a sua ideia de fissuras, muito mais que rachaduras, às fissuras que a gente está assistindo nitidamente, que não são estruturais do ponto de vista de um projeto de país, mas que

são no momento uma resposta a um tipo de governo que causa profundas dificuldades na operação, mesmo tendo a lucratividade, e principalmente traz um risco sério de disfunções sociais, era isso.

William Nozaki: Muito obrigado, Artur. Obrigado aos três, pelas ótimas reações que complementam às exposições. A gente está caminhando para a conclusão do nosso encontro de hoje. Ao longo das três exposições, eu me lembrei de uma formulação do Florestan Fernandes – que aliás foi mencionado aqui, foi aluno da Escola de Sociologia e Política – em um livro dele, um dos últimos livros, Circuito Fechado, tem um artigo onde ele, tratando de análise de conjuntura, vai dizer o seguinte: análise de conjuntura envolve pelo menos três elementos, uma leitura da base da sociedade – que significa analisar a cultura política, ideologias, visões de mundo; uma leitura da estrutura – que passa pela interpretação do espaço da acumulação econômica; e uma leitura da dinâmica desse processo – que passa pelo tempo da contradição política. Sem combinar isso, as três falas de vocês deram conta desse roteiro, então eu queria mais uma vez agradecer a vocês, Tathiana, Artur, Eduardo, aos nossos perguntadores, a todos e todas que nos acompanharam nesse debate até aqui.

Quero agradecer aos nossos parceiros que estão retransmitindo: Fórum e GGN. Convidar mais uma vez, todos, a visitar os e-books no site da FESPSP, os e-books dos Debates Contemporâneos. Nesse tempo de caos, nesse tempo de crise, acho que se impõem como necessidade para nós esses momentos de reflexões, esses momentos de diálogo, e a contribuição de vocês três foi muito rica. Eu agradeço e deixo aqui meu boa tarde a todos e todas, com o desejo de vacina já para todos, de auxílio emergencial de 600 reais até o fim da pandemia, para todos, e saúde, até a próxima.

Todo o conteúdo do debate aqui transcrito pode ser assistido na íntegra em:

bit.ly/DebateGoverno

Debates Contemporâneos

A realização de eventos que tratam sobre o cenário político e social brasileiro e buscam somar ao debate público, sempre foi parte importante da história da Sociologia e Política. Faz parte da nossa missão “contribuir para a consciência e o exercício de uma cidadania responsável, participativa e solidária, construtora de uma linha de força da sociedade civil”.

Desde a sua fundação, em 1933, a instituição tem a preocupação de unir os conhecimentos produzidos e debatidos internamente aos conhecimentos de especialistas externos, como agentes públicos, cientistas, acadêmicos, profissionais técnicos e demais cidadãos que lidam diretamente com os temas que estudamos.

Buscando trazer uma nova forma de acesso a esses conhecimentos, a Sociologia e Política – Escola de Humanidades traz a série Debates Contemporâneos. São e-books de acesso livre, produzidos pela Escola, com a transcrição na íntegra de eventos realizados em nosso canal no youtube.

Sobre a Sociologia e Política – Escola de Humanidades

A Sociologia e Política – Escola de Humanidades é uma marca da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), instituição de ensino e pesquisa sem fins lucrativos, que há 87 anos possui destacada atuação no desenvolvimento socioeconômico do Brasil. Mantém cursos de graduação, pós-graduação e extensão em diferentes áreas das Ciências Sociais Aplicadas e da gestão de políticas públicas. Os cursos são pautados na valorização do conhecimento científico, na aplicabilidade e interdisciplinaridade, na capacidade de inovação e na melhor tradição humanista.

A Sociologia e Política – Escola de Humanidades (FESPSP) une a tradição da instituição com uma necessária renovação diante dos desafios impostos pelas mudanças sociais, políticas e econômicas do país. Desde a sua criação, em 1933, os estudos e pesquisas realizados pela instituição tiveram como base conceitual o Estado e o seu desenvolvimento, o que influenciou fortemente o pensamento social brasileiro. Atualmente, uma das áreas de concentração da instituição tem sido a de políticas públicas em infraestrutura urbana e saneamento. Nesse sentido, possui diversos programas com cursos e projetos relacionados ao desenvolvimento institucional, planejamento e gestão nesses setores.

ISBN: 978-65-86612-03-5

CDL



9 786586 612035



**SOCIOLOGIA
E POLÍTICA**
ESCOLA DE
HUMANIDADES



www.fespsp.org.br